

INSPEÇÃO GERAL DE ESPETÁCULOS

Censura Teatral

16 Outubro

549

29

A R A Ç A D E A Z A R A L

REGISTO N.º 401

Este teatro é o que é representado nos
Teatros do País, na forma de representação
em vigor.

O Inspecto

Acácio Antunes

A R A Ç A D E A Z A R A L

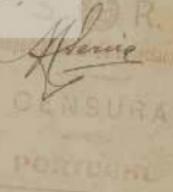
Comédia em três actos de

Instituto Politécnico de Lisboa

Manuel Linares Rivas

Tem 78 folhas numeradas,
e com o carimbo de censura
desta Sociedade

Tradução de Acácio Antunes



Copias tiradas em 1 de Outubro de 1929.

Lisbon

PERSONAGENS

Constança de Fuentenoro, Marquesa de Lorimnos

Angeia, Duquesa Viúva de Azarai

Clara, Condesa de Aguiar

Creama

Ismail de la Pena

Diego de Fuentenoro

Leopoldo, Conde de Eguiza

Augusto, Iaque de Azarai

O Senhor de las Torres

D. Ignacio, Capelão

João Manoel

Pedro

1º. criado

2º. criado

S. G. R.

GENSURA

PORTUGAL

Escola Superior de Teatro e Cinema

A ação em Salamanca

Actuabilidade

1/o Acto

CENSURA

O jardim da Gran dos Duques de Azara¹ em Salamanca. A um lado o
Jardim da encosta por um escudo, ao outro lado a capela.
Arvoredo ao fundo. É em Outubro e uma manhã de sol.

1/a cena

Angela, Augusta e D. Inocencio sentados à esquerda, Diogo à direita
tomando a sua taça de chocolate.

Angela - Quando é que tu te habituarás a tomar o primeiro almoço à
mesma hora de todos nós?

Diogo - De todos? Parece-me querida prima, que não com o chocolate
que tu tomas que D. Inocencio engorda.

Angela - Não pode tomá-lo porque tem que dizer missa.

Diogo - Como eu não podia tomar porque estava a dormir.

Angela - Fui um cano de consciência que obriga o pobre Santo a passar a
manhã em jejum.

Inocencio - Por Deus Sra. Duquesa não se preocupe com a minha humil-
de pessoa.

Augusta - Tanto mais que o Sra. Capelão tem uma saudade feia.

Diogo - O Curia e os sacerdotes os homens mais guapos das pagóas de Salamanca.
Ainda quando afivelando o resso cinturão de couro não se trata de
arrabiar um touro ou de arremessar a barra a vinte metros de distância
nem eu nem tu ficaros a traz. Não é verdade Curia?

Inocencio - V. Excia. Melhor do que eu.

Diogo - Irra não digas isso! Ainda há tres dias...

Angela - Diogo! São essas palavras se deve pronunciar aqui nem é assun-
to que tratás por tu o Sra. Capelão.

Diogo - Eu tratei-o por tu?

Angela - Trata-te.

Diogo - Entendo desculpa.

Augusta - É já um hábito enveterado. Adultos ou crianças, amigos ou
desconhecidos, a todos tratás por tu, e elles que tratam como lhe a-
prover.

2/a Cena

Os mesmos, João Manuel e Pedro

João Manuel - Ora Deus seja nista onça! O meu amo dá licença?

Augusta - Entra João Manuel. O que há de novo?

João Manuel - É este que pede autorisação para falar aos patrões.
(Entra Constança e criação)

Augusta - O que é Pedro?

Pedro - Em primeiro lugar tenham todos muitos bons fins a principiar
pela Sra. Duquesa.

Angela - Está melhor a pequena?

Pedro - Comparada com o que esteve... Mas não se pode dizer que já

S. R.

Secreto Geral da Experiência

2

estação só é escorreita.

Augusto - Mas está melhor, visto disso.

Pedro - Saita V. Excis, que sim. E 48 caminho vinha ver se a Sra. nos perdia na renda iste ano que foi mau... além da doença da rapariga que nos levou os olhos na cara.

Angela - Cada um deve cumprir as suas obrigações Pedro. É para isso que cá estamos n'este mundo.

Pedro - Para bem pouco cá estamos.

Angela - Se tu não pagas e eu não cobro ambos faltamos ao nosso dever.

Pedro - Sim, mas a ralha de V. Excis, não é tão grande... pode mesmo considerar-se das mais leves.

Angela - Emfim!... Como é só com a minha consciencia... perdão-lhes Aug. a to - Minha mãe...

Anabela - E o Sra. Duque também.

Pedro - Deus lhe pague.

Angela - E tu jão Manoel que queres?

Jão Manoel - Eu venho dar uma noticia que não é lá das melhores. E que a vaca pintada esta a morrer.

Angela - Pois comprem outra.

Jão Manoel - E o Sra. Veterenário diz que... esteve toda a madrugada, observa para aqui, observa para acolá, mas pelo visto, não observou bastante.

Angela - Comprem outra se fizer falta, e acabou-se.

Jão Manoel - Isso farci! Com a sua licença Sra. meu amo (Sei com Pedro).

Inocencio - Que pena! um animal tão lindo e que dava trinta quartilhos!

Diongo - Que lhe tiravam trinta quartilhos.

Angela - Tu não entendas nada disso.

Diongo - Não. Mas esta opinião não é minha, é da vaca.

Augusto - Tez mal em perdoar-lhes a renda, minha mãe.

Angela - Somos todos, tremos seculas, que não pesam-nos nessa furtuna e que para eles é a salvação. E tu Augusto acalma-te e aprende a não me contradizeres diante de estranhos.

3/a Sessão

O mesmos e Torres.

Torres - Como tem passado, Sra. Duquesa, Viúva de Azaral?

Angela - E o meu amigo Sra. De las Torres? Vem ouvir missa?

Torres - Hein?

Angela - Ouvir missa?

Torres - Como?

Augusto - Se vem ouvir missa?

Torres - Ah! Sim Sra. venho ouvir missa.

Diongo - Bem poiso saquenqar-te, Curva!

Torres - E todos os mais da casa, como vão de saúde?

Augusto - Perfeitamente. A exceção da vaca pintada que adoeceu.

Torres - Adoeceu?... Quem?... Constança?

Angela - Não.

Torres - Clariinha?

Diongo - Não, a vaca, (imita o mordido) A unha...

Torres - Ah ! isso é outra coisa. O essencial é que ninguem da familia...

Angela - Sente-se.

Torres - Acabo de felicitar Pepe Fernandes.

Angela - Quem ?

Torres - Aquela empreiteiro de obras publicas que ha dois anos apanhou a taluda na lotaria do Natal.

Augusto - Tomou a aposta a sorte grande ?

Torres - Acabah de lhe conceder o titulo de Conde de Setúrios.

Angela - Ao Fernandes ?

Diogo - Pois se é verdade o que dizem o titulo é de Oitúrios pelo menos: os sete que lhe deram e o rio de dinheiro que lhe custou.

Angela - Vendido?

Diogo - Não , não . Foram previas demonstrações de gratidão.

Torres - Quando agora o vizinho estava já em conferencia com o arquiteto para por o e cujo na fachada.

Angela - Onde estão os seus braços de armas ? O que vai por mense escio ?

Augusto - Ignoro-o.

Diogo - Eu já lhe dei uma lição: por num campo cor-te tijolo um decimo na lotaria do Natal.

Angela - Não brinques com estes assuntos Diogo .

a/a Sena

Os mesmos e Constança.

Torres - Marquezinha de Boninos.

Constança - Sra. De las Torres . (dando correio) para minha avó , para meu pao. Fui um telegramma.

Angela - Esta peor o tio Sebastião ?

Diogo - Já não é nem tempo. Setenta anos , um punhado de milhões ... e um punhado de gente à espera da herança.

Inocencio - Não é solteiro D. Sebastião ?

Diogo - É . E é um solteiro rico toda a humanidade se julga parente.

Augusto - Esta melhor. Não é necessário que lá vá ninguem.

Angela - Disso no Leopoldo , já se estava preparando para a viagem.

Diogo - Dize-lh'o... Mas com precauções. Ha melhorias que sempre causam transtornos.

Angela - Esta não está n'esse caso.

Diogo - É o que eu ia a dizer tambem.

Constança - Antonia , leve isso.

Torres - O Sra. Já leu a Marché ?

Diogo - Não. Que diz? ... Que diz? ...

Torres - Eu tambem não li. Perguntava a ver se dizia alguma coisa...

Constança - E os pequenos ?

Torres - Os seus sobrininhos ? Vão bem.

Diogo - Os irmãos ? (Diogo faz sinal de unir e separar)

Torres - O harmonium ? Já não toco.

Diogo - Obrigado em nome dos vizinhos.

Augusto - Constança , cumprimentos da Pepa Cáceres.

Angela - Também me escreveu, muito contente com a Miss que lhe manda mos.

Augusto - O mesmo diz o marido, que chegou à Miss que é muito galante que os pequenos vão muito adoráveis; e que ele mesmo apesar da sua negruza para linguas, tem amado muito com essa Miss.

Diogo - Praticando... É a melhor maneira.

Angela - Essas cartas para quem são?

Constança - Para Ismael.

Augusto - Ele só, recebe mais correspondência que todos nós.

Angela - Será para ele mais comodamente recebe-la em Madrid.

Diogo - Indirecta número 36.

Augusto - Se hospedei esse cavalheiro em nossa casa, eu tenho as minhas razões.

Angela - Ninguém t'as pergunta.

Constança - Para os pobres foi uma providência esta visita. Graças a Ismael terminaram este ano as obras do Asilo dos incuráveis para os quais me deu trintamila pesetas.

Anabela - E aterrouste-te a pedir dinheiro a um ateu, para uma obra de piedade?

Constança - Aveixinha, Ismael não é um ateu.

Anabela - Diogo, tu que sim.

Constança - E eu entendo que não. Os que exercem a caridade são tão virtuosos como aqueles que a pregam, pelo menos.

Diogo - Bravo! Se fosse eu quem tal assessorei tinhamos aqui um catolicismo.

Torres - O que foi? O que foi?

Diogo - Uma bomba que rebentou.

Torres - Onze?

Diogo - Sabe Deus...

Constança - Deixa-me estar contente em nome dos meus pobres.

S/a Sena

O mesmo, Clara e Leopoldo.

Leopoldo - Bons dias avó.

Angela - Isto são horas de se levantarem?

Clara - Prima Constança...

Constança - Prima Clara...

Leopoldo - Bons dias Tio.

Augusto - Bons dias Leopoldo. Sabes? o Tio Sebastião...

Leopoldo - O quê?

Augusto - Está melhor.

Leopoldo - Ah!... Muito estámo.

Diogo - Bem fizia eu que a notícia havia de impressiona-lo.

Torres - Como? Como?

Diogo - É o Sr. o único que guarda bem o segredo.

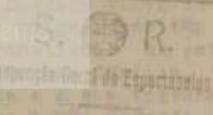
Constança - Menina.

Torres - Cuidando sempre da casa de Deus?

Constança - Concede tantas prosperidades à nossa que não faço nada se mais atendendo um pouco à sua.

Torres - Com que então, Sra. Condesa de Eguiza está-se preparando para sua viagem a Paris? Nunca lá estive, mas creio que

é...



CENSURA

Clara- Deliciosa !

Torres- Escandalosa, diz muito bem. Falge em concordam com tão discrete opinião.

Clara- Tambem eu .

Torres- Talvez agora lá vá... para acompanhar um sobrinho de 22 anos... que não convém que por lá se perca sósinho.

Clara- Vão então perfer-se os avisos?

Torres- Justamente minha senhora, podarei assim vigia-lo.

Angela- Uma vez que o Tio Sebastião está melhor podes ficar até ao dia 7 em que comemoramos o aniversario da morte da tua pobre mãe ... e de seu marido.

Leopoldo- Provavelmente.

Diogo- Pela memoria do marido, muito embora fosse seu paes; não vale a pena que Leopoldo demore a partida.

Angela- Era um Zorbiro igual a nós... descendente de ...

Diogo- Por mais Zorbiro, por mais igual, por mais descendente que tu queiras não deixava por isso de jogar como um batateiro e de beber como um carrejão !, e se não deixou Leopoldo a pedir esmola, foi por que...

Angela- Não digas isso, diante dos filhos não se deve criticar os pais.

Diogo- Nesse caso o mais prudente é não inhar nos paes diante dos filhos,

Angela- A unica coisa em que tens razão; embora o não tenhas dito...

Diogo- Por isso a tenho.

Angela- É em queixar-te de como o tempo vae destruindo as raças.

Diogo- para o que se perde com algumas ...

Augusto- Por quem es, não estejas a acirra-la.

Angela- E tu, um Funtionero, primo com irmão da Duquesa Viúva de Azaral, não tens o direito de repetir essa vulgaridade tão ingrata ! Sim bem sei ! passou a hora de constituir as estirpes... resignemo-nos em mante-las, e quando uma familia, como a nossa conserva intacta a sua nobreza e a sua fortuna não nos devemos cansar de dar graças a Deus ! Não é verdade D. Inocencio ?

Inocencio- Como muito bem diz a Sra. Duquesa.

Angela- Ouviste ?

Diogo- Eu ouvi, o Sra. De las Torres é que me parece que não ouviu.

Angela- E saindo essas aprovado d'aquel a boca.

Diogo- Menos me convence.

Augusto- E o padre Capelão !

Diogo- Por isso mesmo. Um homem a quem voces pagam.

Angela- Não ! São as suas ideias !

Diogo- As suas não, as vossas.

Clara- Diogo, não a mortifiques.

Leopoldo- A avó diz que fiquemos, mas eu para falar a Verdade...

Angela- Não se podem calar um momento ?

Leopoldo- Avô...

Angela- Interromper as pessoas de idade e não é delicioso.

Clara- Calate, falaremos logo à missa.

Ana- Ima- Que dizias tu, Diogo ?

Diogo- O que dizem não sei, o que digo é que me parece muito justa o vosso gratidão é época que vns fez, pela razão b's tempos

CENSURA

nada mais que nobres e ricos, eu porém neto de filhos segundos não sou obrigado a cantar louvores.

Augusto - Vives aqui como em tua própria casa.

Diogo - Mas preferiria ter casa própria. A minha única culpa - e n'ahi pode ser que não seja minha - é ter nascido demasiado tarde.

Angela - De bem pouco me pode servir hoje, ter enchartado a minha vergonha na árvore genealogica do rei Warba.

Angel - Bem se que te fizes-te liberal.

Leopoldo - Poderia ter-se feito muitas outras coisas piores.

Angela - Espero que não pretendas misturar as tuas gracinhas, numa conversação séria.

Leopoldo - Não, não...

Angela - E o nosso dever n'esta luta de visibilidade social é unirmo-nos ! todos num só ! Não é verdade D. Inocencio ?

Inocencio - Assim é Sra. Duquesa.

Diogo - Também me convence essa opinião ! Opinião de unir-se, de agrupar-se, proclamada por quem começou por fazer voto de vida solitária.

Inocencio - Pediram-me parecer...

Diogo - Esqueceste de dár o teu.

Angela - Não sejas agitador ! Já somos tão poucos !

Leopoldo - Ainda restas tu avó, a nobre Duquesa Viúva de Azaral.

Angela - Obrigada Leopoldo.

Drogo - Leopoldo anda em baixo de fundos.

Augusto - Quando lhe recrudesce o amor à família acaba sempre em peditorio.

Angela - E restais ainda vós : o meu filho Augusto...

Diogo - O Sra. Duque de Azaral.

Angela - Sua filha Constança ... e tu, Leopoldo Conde de Eguixa e a tua mulher.

Augusto - E Diogo ...

Diogo - Eu caio des resto menos.

Augusto - E seu irmão, Frederico.

Angela - Não !... Desgraçadamente Frederico já não é dos nossos afastou-se por sua vontade, fazendo um casamento desigual.

Augusto - Que o tornou bem feliz !

Angela - Para mim continua solteiro.

Leopoldo - Para ele não.

Augusto - E em quanto não consentires em receber os dois, nem lá virá a esta casa.

Diogo - Devem ter observado que não digo uma palavra, hein ?...

Augusto - E eu que t-o agradeço muito !

Diogo - E podia dize-lhe ...

Augusto - Bem sei, bem sei !

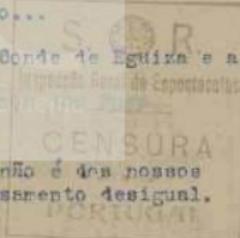
Angela - E tu, filho que devias zelar tanto como eu a pureza do nosso prestígio não devias comprometer-te com certas amizades.

Diogo - Indirecta numero 37.

Augusto - Não tenho motivo para negar a minha amizade a quem pelo seu próprio esforço, alcançou a fortuna, a posição social e o respeito de quem nasceu mais alto do que elle.

Angela - Censuro unicamente a intimidade com esse ateu !

Diogo - Imediatamente ateu Ismael de la Pena ? pelo contrário, fanatico... simplesmente crê n'outra espécie de milagres.



Angela - Não o devias ter trazido para aqui.

Augusto - Um compromisso. Somos companheiros no senado, muito embora ele seja mais novo do que eu. Quer comprar unsas terras e pareceu-me natural oferecer-lhe a casa.

Angela - Não quero contrariar-te. Mas é penoso para mim este choque de sentimentos! Certas felicidades não se apreendem no charco!

Diogo - E la Pena.

Angela - É triste ver esta nossa casa que foi sempre serena e tranquila transformada em ante-câmara de perinches.

Leopoldo - É um nsumente rico.

Clara - É imensamente generoso.

Diogo - A boa árvore se chega...

Angela - Quem, os ouve dizer que não exerciamos a caridade, antes da vinda desse Snr.

Diogo - São todos muito caritativos bem sei, mas justifica tanto Ismael a sua fama de generoso que quando pede um copo d'água, se o ouvem traz criados, trazem-lhe logo a correr traz copos.

Angela - Essa gente é muito interessante.

Diogo - Essa... e outra.

Inocencio - Se me dão licença...

Angela - Leve o Snr. De las Torres para o ajudar à missa.

Diogo - É uma crueldade acordá-lo. Estás talvez sonhando que ouve alguma.

Torres - Estou ouvindo, estou ouvindo, mas estas coisas é preciso medita-las.

Inocencio - Quer acompanhar-me?

Torres - Ajudar à missa? Tencionava pedir-lhe

Inocencio - Pois venha lá.

Torres - Com sua licença Sra. Duquesa e com licença dos Snsr.

S/a Sena

Os mesmos menos Torres e D. Inocencio.

S.C.R.
Inspeção Geral de Espionagem

CENSURA

Augusto - Para mim?

Creedio - Para o Snr. De la Pena.

Angela - Outra petição?

Augusto - Bento dos Anjos Guerreiro Director da escolas Infantis.

Diogo - Um Bento que dos anjos se passou para os diabos.

Clara - Com armas e bagagens.

Augusto - Diga-lhe... Ade

Angela - Que snim!

Augusto - Em quanto viver sob o nosso teto não estamos sujeitos a discutir a sua visita.

Angela - Não as discuto, despeço-as. O brasão dos Azarales, tendo no seu escudo a santa cruz e os sagrados emblemas ganhos na luta da religião não o marchará um descendente e um erede pisando o seu lar de minha casa. Diga-lhe que o Snr. De la Pena não recebe...

Augusto - Minha mãe!

Angela - Quem eu não recebo...

Augusto - Provocas-me um conflito... Ismael fira...

Angela - Não quero saber de que fira. O que tu dizes, é que se está prolongando excessivamente a sua estada entre nós e que já lá vê quatro dias...

Augusto - Basta eu lhe abraviarei a partida.

Angela - Será melhor para todos.

Diogo - Continua que elle ahi vem.

7/a Sessão

Os mesmos e Ismael, *px*

Clara - Estavamos justamente perguntando por si.

Ismael - Andava a passear no jardim.

Clara - E Ilenio?

Ismael - Não.

Leo - Olho - Mais jornais e mais cartas.

Ismael - A Sra. Duquesa passou bem a noite?

Angela - E o Sra.?

Diogo - Estavamo dizendo que seria melhor para todos... Advinha o quê?

Ismael - Não é fácil, mas seguramente não seria nada de exagerado, porque isso nunca para todos é bom.

Diogo - Parece que te ouviu.

Ismael - A Sra. Duquesa pensa da mesma forma?

Angela - Sim Sra.

Creatão - Sra. Duquesa, aquele cavalheiro insiste em falar na Sra. De la Rosa.

Angela - Eu permiti-me responder-lhe que o Sra. não receberia a esta hora.

Ismael - Que volte mais tarde.

Angela - Não Sra.

Augusto - É o Director das tres escolas Irmãs.

Ismael - Ah! prometi-lhe contribuir com 5.000 pesetas.

Angela - Para o Obra do inferno?

Ismael - Sim Sra. duquesa. Não desse inferno que ninguém conhece, mas ao outro do que ha na vida dos pobres.

Angela - Que vício ás vocais religiosas.

Ismael - Perde minha senhora. Dou-lhes esse dinheiro porque elles precisam, não porque pensem como eu ou o contrario do que eu penso.

Angela - Pois estás em erro.

Ismael - Erro seu, a miseria é deles? Não Sra. duquesa, se por ventura ha erro é de quem pretende que reverta em proveito proprio as esmolas que nos outros dão. Podemos porém armonizar as coisas, aproveitando com isso também os seus pobres.

Angela - Consentir que lhes ofereça outras cincos mil pesetas.

Angela - Agratigo. A caridade não pode admitir-se em troca d'uma condescerriencia.

Ismael - Se rapela a parte de Deus, entregarei solidamente a parte do diabo.

Angela - Escolla o que for do seu agrado.

S. R.

Imprensa Oficial da Exceção

CENSURA

PORTUGAL

Ismael - O que a Sra. Duquesa me permitir. Posso entregar essa quantia?

Angela - Depois o saberá.

Augusto - É muito intranqüila minha mãe.

Angela - Logo percebi que vos desenganava. Não tive ninguem do meu lado. E o mesmo. Chego eu para me defender. Deves compreender que em hora a mais temo mais pesar para mim a presença do Sr. De la Pena... Clara... Leopoldo... venham, meus queridos netos... acompanhem-me. Sois a minha esperança... o meu orgulho! Eles é verdade que pensam como eu?

Clara - É verdade avô. (Saem)

8/4 Sra.

Augusto - e Diogo

Augusto - Ismael não pode permanecer aqui.

Diogo - Ninguém pode. A família enfim não tem mais remedio, mas os outros é mister ser Diogo de Fuentenoro um desprécio para não se afogar no mar de tantas preocupações.

Augusto - E não obstante preciso que me ajude a prolongar a presença de Ismael n'esta casa. Encontro-me n'uma situação difícil. Diogo, ha anos cometí uma tolice.

Diogo - Uma... e ha anos? Evidentemente é modesto.

Augusto - A nossa casa é muito rica: Temos trinta e tantos mil duros de rendimento...

Diogo - Os respos que em vida do nosso avô.

Augusto - Dos quais me pertencem apenas quinze... o que, sendo a mesma coisa já faz uma grande diferença. Ha um offço seculo eramos poderosíssimos, os príncipes entre os primeiros, hoje para conservarmos igual categoria é mister que permanegamos unidos, pois que se a fortuna se dividisse cahirímos na miseria... quero dizer... miseria...

Diogo - Sim, sem dubbte muito bem. Para os ricos tudo o que não for a opulencia, resume-se á miseria.

Augusto - Ninguém conhece esta situação em nossa casa. A minha mãe oculta plenamente, para não a ferir no seu orgulho de nobre fidalga que perdiu rendas que socorre com liberalidade. Ao Leopoldo, digo e é verdade que ainda se não fizeram as partilhas e não convém malbaratar. E a Constança minha filha, nem sequer falo nisso.

Diogo - Sei perfeitamente.

Augusto - Graças a Deus temos um administrador muito honrado,

Diogo - Ora adeus!

Augusto - Porque dizes adeus?

Diogo - Já lhe tenho dito varias vezes. Ouvi lhe contar como rasgo de probidade que um parente seu restituía ao domo uma carteira com trezmil pesetas quechou na rum... e que ninguem lhe tinha visto spanhar. ora, um homem que distingue entre ver-se ou não se ver spanhar um objecto nilete é, na minha opinião um homem perigoso.

Augusto - Com este não me receio. Mas leixa-se seguir o que lhe dizendo. Quando se casou minha irmã Matilde, a mãe de Leopoldo, vim obrigar a pedir uma certa quantia para as despesas extraordinarias que a nossa posição nos impunha. Deves-te lembrar que quem lhes deu a benção matrimonial, foi o Sr. arcebispo.

CENSURA

- Diogo - Por isso o casamento seu tão mau resultado !
 Se os casasse, um simples parco, outro galo lhes cantaria !
- Augusto - Foi madrinha Sua Magestade, por procuração...
- Diogo - Sim; sim lembro-me perfeitamente.
- Augusto - Os vinte mil duros que nessa ocasião precisei para celebrar o casamento com a devida pompa...
- Diogo - Devidamente é justamente o termo.
- Augusto - Emprestou-mos um parente meu, o Conde de Gras, passados anos, reclamou de mim essa quantia e para lhe restituir imediatamente como exigiu a minha honra caiu nas garras d'um usurário. Vencido o prazo desse novo empréstimo recorri a um terceiro, que agora por sua vez m' o reclama.... e não encontro um quarto prestamista.
- Diogo - Num caso destes é que é realmente pena que se enterrompa a dinastia.
- Augusto - Conto liquidar d'uma vez e por completo logo que receba a herança do Tio Sebastião.
- Diogo - Esse tal Tio que n'uma morre?
- Augusto - Com setenta anos estropiado !
- Diogo - A morte até era um benefício para ele !
- Augusto - Está bem visto.
- Diogo - E seria tu o seu herdeiro ?
- Augusto - Sou o único sobrinho .
- Diogo - E Leopoldo ?
- Augusto - É sobrinho em segundo grau e o Tio pouco lhe quer.
- Diogo - Em compensação vocês ambos querem-lhe de igual modo: querem-lhe a herança.
- Augusto - Recorri a Ismael suplicando-lhe este pequeno favor, trezentas mil pesetas que para elle é uma bagatela ...
- Diogo - E Ismael ?
- Augusto - Está de acordo. Na realização o favor concordei em não o divulgar visto que é de sobra a garantia das nossas propriedades, e em contornar-se com uma simples declaração de dívida em vez d'uma escritura em forma lavrada n'um notário.
- Diogo - E já é de mais.
- Augusto - Em confidência dir-te hei que o amigo Pena mostra muito desejo em me servir: esta gente te negocia aprecia muito a intimidade com a nobreza. Por isso o convidei para nossa casa.
- Diogo - Muito bem, muito bem.
- Augusto - Confio-te este segredo...
- Diogo - Vão aumentando os meus capitais !
- Augusto - Como?... Tu possues capitais?
- Diogo - Em segredos. É a fortuna dos parentes pobres, a mim só posso recorrer, para confiar-me os teus.
- S. R.
Sociedade Real de Imprensa
CENSURA
- 9/a Sena
- Os mesmos e Ismael
- Ismael - Acabo de avisar os criados de que não recebam pessoa alguma que venha procurar-me. Já percebi que não é de agrado da Duquesa.

CENSURA

Augusto - Não repare, é feitio d'ela. Nôz fundo é até muito carinhosa.

Ismael - No fundo valvez.

Augusto - Desculpe-a é um pouco orgulho da raça.

Ismael - Não comprehendo isso. Na muito tempo que no mundo não existe mais do que uma raça: A dos homens é bem.

Diogo - E então os outros?

Ismael - Esses, lá sabem o que são. Eu não sei nem posso desculpar que alguém justifique o seu orgulho na ferociade do seu quinto tataravô, como não comprehendo que uma dama digna e honrada possa orgulhar-se recordando a beleza que não foi esquiva a reais galanteios.

Augusto - Muitos representamos acções glorioseas.

Ismael - Certamente, mas a gloria quando a aumentam brilha; quando não fazem mais do que evoca-la mingua. É como essas armaduras gigantescas que a pregaram mais do que a força do passado, a ruina física do presente.

Diogo - Nem todos podemos ser combatentes.

Ismael - Nesse caso permitam-me que prefira em vez d'um pesoglorioso que me opima, ser eu quem conduza os meus e os alheios.

Augusto - Não discuto... quer ir a passeio?

Ismael - Como lhe aprovare (a Diogo) Em breve nos encontraremos de novo, pois que se aproxima a hora da missa.

Augusto - Como é dia de trabalho está dispensado.

Ismael - Não; farei como os outros, vou.

Diogo - Is da minha opinião e se quem dizia que as missas e os dessídos não devem procurar, mas também não se deve recusar.

Augusto - Diogo!

Diogo - Refiria-me aos dias de trabalho: Nos dias santos não ha a menor dúvida.

Ismael - De quê?

Diogo - Seja lá o que fôr... mas não ha dúvida alguma.

Augusto - O meu amigo já examinou aqueles documentos? O Duogo está no facto de assunto, pode falar.

Ismael - Amanhã parço para Madrid.

Augusto - Já?

Ismael - Sim. Quando quiser podemos assinar o recibo ali no meu escritório e cobrará imediatamente em Madrid querendo-me indicar o dia t'rai essa quantia em meu poder para evitar-lhe o encomodo de ir ao Banco.

Augusto - Muito obrigado querido Ismael. Ainda que não tivessemos chegado a entendermos ficar lhe hia sempre obrigado pela bôa vontade que mostrou em servir-me.

Ismael - Nem é bôa nem é má, é apenas vontade. Uma palavra que pronuncio sempre com energia porque a ella devo tudo. São trezentas mil pesetas não é verdade?

Augusto - E o prazo, cinco anos; ainda que espero liquidar antes, porque infelismente o Tio Sebastião...

Ismael - Não deva viver tanto? ...

Augusto - Poderia usufruir minimamente de vida... mas paralítico e sofrendo tanto...

Ismael - Tem muita razão.

Augusto- Podemos marcar a quinta feira para o pagamento ?
Ismael- Perfectamente.

Augusto- Mas o Sr. sempre parte manhã?

Ismael- Sim amanhã.

Augusto- O meu amigo é encantador !... Venha comigo, venha comigo, falaremos dos promenores, com o que este se aburreria, e que para mim são de maximo interesse.

Ismael- Sim vamos. Desculpa-me sim ?... Vou tratar dos promenores que são de maximo interesse para o Sr. Duque.

10/a Sena

Diogo depois Constança

Diogo-Justa,ridicula, cómica ou tragica esta das vaidades humilhando-se para que se posso continuar a ser vaidoso !...

Em compensação, eu porquê nata tenho e nata espero, disfruto despreocupadamente a vida e esta manhã esplendorosa e radiante !.. Se eu fosse o poeta, em homenagem á divina natureza não fazia hoje versos !

Constança- (Tapando-lhe os olhos) Advinha quem sou.

Diogo- Se ei tivesse trinta anos responder te hei; Tu !... e nesses tu envolverias todas... e mais algumas . Agora digo-te apenas : Sobrinha, queria sobrinha para que me tapas os olhos quando a visita é a unica regalha que ainda me resta ? ...

Constança- Bem te ouvi ! Já falas só, Tio Diogo ?

Diogo- Não. Falo com o ar e com as árvores e com o celeste esplendor do Febo, com esses pobres Deuses do Olimpo, que a scência deitou por terra como se a terra fizesse dano querer nas coisas do céu.

Constança- Tambem tu sentes o encanto desta manhã deliciosa ?...

Pois então Tio Diogo... Tu, que comprehensas a beleza do que não tem realidade material , que sabes explicar a harmonia de que não tem acóries nas horas indiferentes, que só ar e as árvores chamas Deuses... Dize, por que é que mas coisas sênto sempre as mesmas, não em certos momentos tão diferentes ? ...

Diogo- Peia hora.

Constança- A hora d'elas ?

Diogo- Não, a tua que as faz viver.

Constança- Porque é que a natureza, o campo nudo e frio é insprecável, depois de o termos visto milhares de vezes impassíveis nos fazem de repente com uma voz que só nós escutamos e n'uma linguagem que se entende tão facilmente ?...

Diogo- Pela alma.

Constança- Dele ?

Diogo- Não . A que tu lhe emprestas n'esse momento.

Constança- E porque não vibra sempre ?

Diogo- Pela mesma razão que permanecem tanto tempo mudas as corinas d'uma arpa. O som lá existe, como existe a beleza no campo e a harmonia nas rammagens das árvores, falta porém a mão que toque os olhos que queiram ver e o sopro celestial que fecundie o esteril e que anime o imovel.

CENSURA

Constança- E esse anelio que sentimos , essa flor que se abre de improviso com raizes no solo e folhas nas nuvens, tão grande que enche o espaço e tão pequena que cabe no nosso peito... esse anelio como se chama ?

Diogo- Una chama-lhe amor...

Constança- Só bem o nome !...

Diogo- Outros chamam-me fô...

Constança- Ainda o entendo-melhor assim .

Diogo- E outros chamam-lhe poesia. Mas nascem os tres da mesma mãe, a piedosa bondade, a fada de olhos de opala que olham e não vêem e que por isso nunca sabe a quem favoresse com os seus dons, e a sua caridade é a unica verdadeira porque está sempre nôo mão que conce e nôo exige merito nem qualidade alguma é nôo que recebe.

Constança- Com que gravidade estás falando Tio Diogo !

Diogo- Não com a gravidade e a circunspeção dum catedratico explicando anatomia , mas como fala das aparições o medorso e ao Ceu um crente.

Constança- Mas se é verdade o que dizes, porque razão é que nenhum desses tres nomes consegue explicar qual é em mim a verdadeira causa de apreciar hoje o que nunca apreciára?

Diogo- Não te satisfaz nenhum delles ? Peis eu te vou dar outro que melhor te esclareça.

Constança- Qual ?

Diogo- Ismael !

Constança- Diogo !

Diogo- Diogo, não . Ismael .

Constança- Não é verdade ! Enganas-te...

Diogo- Mais pausado, mais pausado ! Quanto quizeras convencer alguém da tua indigencia por alguma coisa, di-lo tranquilamente.

Constança- Não é ver-de-ide ...

Diogo- E a piedosa bondade, a fada de olhos de opala que olham e não vêem, quando reparte amor não sabe se te enmora de nobre ou de plebeu , de cristão ou de israelita.

Constança- Não é ver-de-ide ...

Diogo- Aborreces-te ?

Constança- Não .

Diogo- Achalo pouco simpatico ?...

Constança- Não, não. Vou buscar o meu livro de orações.

Diogo- Podemos dizer que é ingravidez e digno ?

Constança- Sim.. Sim.

Diogo- Já é alguma coisa a seu favor. Vai , vai... chama-te a igreja!

Constança- Não.

Diogo- A missa .

Constança- Ah! isso sim.

Diogo- Estamos conforme. Vai sobrinha , vai.

Constança- Adeus tio Diogo.

S. R.
Imprensa Oficial do Exercito

CENSURA

Diogo - Bem, prosigamos enganando-nos uns aos outros, sem conseguirmos enganar nos a e não a nós mesmos.

Ismael - O que faz Diogo ?

Diogo - Nada.

Ismael - Pouco é.

Diogo - Pouco? ... Ia náia fez Deus o mundo.

Ismael - E que formoso o fez? É uma maravilha este campo, este céu...

Diogo - Outro posta!... Scripta epímenia?

Ismael - Não sei porquê, mas sinto hoje que podem ser sinceros os lirismos de certas criaturas.

Diogo - Não és só tu.

Ismael - Não? quem mais?

Diogo - Eu, ~~israel~~

Ismael - Ah! ...

Diogo - Que An! tão desprecintivo!...

Ismael - Não, não!

Diogo - A-dante. Continua o teu poema,

Ismael - Como tu lhe fiz dizendo...

Diogo - Deves ter notado que te trato por tu.

Ismael - Como lhe aprovoures.

Diogo - Não está mais na minha mão. Obrigado. Continua. E dize-me para aí o que te parece porque estou em veia de emoções espirituais. Todos os anos vimos passar aqui tres ou quatro meses, multipliça pelo numero de anos que tenho, a calcula se saberes ou não de memoria, catedrais e conventos e fachadas góticas... e mais friozelhos. Na na igreja de Santo Estevão, um quadro que tenho visto mais de duzentas vezes, pois um dia buscando o refúgio contra uma batega d'água insospetada entrei nessa igreja... e de repente, pela hora, pela solidão, pela tristeza do lugar por qualquer motivo inexplicável... senti que aquela imagem viajava sofrida, queixavas... não se i que demônio tinha aquele santo que me impressionou horrivelmente. Passei toda a noite n'uma obsessão, e no dia seguinte, logo de manhã voltei a ve-lo. Era um bom quadro mas más náia, um quadro.

Ismael - Esperarei então que chouva para lhe falar.

Diogo - Não. Sei respeitar o estado d'alma dos meus amigos e amoldar-me a elles.

Ismael - Essa humildade anima a confidência...

Diogo - Começavas uma confidência?... Pois ego-te. Absolvo-te. O Capelão já-te hia a absolvição depois, eu mais pratico administrar t'na antes. Para ti é o mesmo. Continua.

Ismael - Se m'lo permite... Esta manhãtinha de resolver um assunto.

Diogo - Com o Duque?

Ismael - Esse já está resolvido. Outro. Contra o meu costume e o meu temperamento adiei-o.

Diogo - Entendemos-nos. Esse assunto é assunto?...

Ismael - Precisamente a dificuldade conciste nas palavras. Sei sempre encontrar os numeros exactos e a formula precisa d'un negocio, mas forr desse mundão de cifras e de luctas e interesses balbucio e sinto-me conibido pelo receio d'uma palavra incorrecta

S. R.

Introdução à Encyclopédie des Beaux-Arts

CENSURA

PORTUGAL

CENSURA

PORTUGAL

ou pronunciada antes de tempo.

Diogo - E esse assunto que não é de luta de interesses nem de negócio
será de paixão?

Ismael - Talvez.

Diogo - Mais claro: É ou não?

Ismael - É.

Diogo - E esse receio está nos fantasmas, nos preconceitos, nas distin-
ções de casta, nas susceptibilidades avoengas?

Ismael - Justamente, nisso.

Diogo - Mas tens a convicção que não é indiferente a essa mulher?

Ismael - Parece-me.

Diogo - Mais claro: Sim ou não?

Ismael - Ia jurar que sim.

Diogo - Pois nesse caso a questão é muito simples. Dize-lhe o que quiseres como quizeres e quando quizeres que dia de todos os modos ha de entender-lo, e não leve o discurso estúpido, com o que evitas embrolhar-te e perder tempo.

Ismael - O pior é principiar...

Diogo - Não homem, isso é que é justamente o melhor.

Ismael - E se sou enganado.

Diogo - Antes de casar?... O perigo é insignificante.

Ismael - Quero dizer, se ela não viu em mim mais do que simpatia?

Diogo - Não sejas pateta. Uma mulher não saber que lhe tem amor?... acredita-o até quando não lh' o tem quanto mais sendo devorada! e ao expor o seu pensamento, procura ser breve. Para mim o mal é de declarações amorosas continua sendo o de Adão e Eva, nosso queridos primeiros pais. Ela trincava a maçã d'um lado e ele do outro no mesmo tempo, e antes de a terem comido toda, já estavam juntos os labios e já sabiam que se adoravam.

Ismael - Sim, é rápido e já conhecia, mas prefiro a palavra que deixe adivinhar a frase dura e clara que obriga a uma resposta cat-
egórica.

Diogo - Um minuto te romanticismo?...

Ismael - É muito n'uma vida inteira? Não é humano que o homem não es-
tenha mas apenas cangado quinta-alhear-se no momento da luta
e digna a uma mulher "Se és celestial adorar-te hei, se não o
és adorar te hei também, pois tanto amor venho dar como pedir,
e o meu bastará para os dois". E se me fizessem a mesma per-
gunta que os séculos já escutaram quando os séculos d'agora
começavam a contar-se, se me dissessem: Como é que tu não sen-
to los meus te pedes de beber a mim que sou gamarrana?...
Com as mesmas palavras responderia: Agua te peço porque tenho
 sede... se porem tu a mim m'a pedisses, agua viva te daria
e se bebesse da que te dou nunca mais terás sede.

Diogo - E andavas tu à procura de palavras?

Ismael - Já não. Digno-me porem em compreensão: É muito pedir que venha
ante mim amarrada fessa docura que por todos vai repartindo
o Sol com a sua Luz e ar....?

Diogo - Ahi vem.

Ismael - O Sol

Diogo- Ou a Samaritana.

Ismael- Constança !

Diogo- Em familia, assim lhe chamamos, Constança.

Ismael- O Sr. é um grande amigo, Diogo!

Diogo- Não há nisso inconveniente, mas não temas a recitar-te nem um versículo dos evangelhos hein ?

S. O. R.
Imprensa Oficial do Externado

12/a Sessão

Os mesmos e Constança

CENSURA

PORTUGAL

Constança- Conversando ?

Diogo- E de sublimidades. O homem pratico que ha neste banquero fuiu porque não se sentiu profundos misterios, e ficou um sombrio, um idealista...

Constança- Deveras ?

Ismael- É verdade ?

Diogo- Que faria hoje o Sol para assim impressionar a todos ?

Constança- Isso quer dizer unicamente que Ismael é impressionável...

Diogo- Que o somos.

Ismael- Assim é. Para que nega-lo ?

Constança- E que se a umas certas horas sabe o que não deve e haver a outras esquece-o buscando... ele lá sabe o que.

Ismael- Eu ?

Diogo- Isto de acolher essa gente a emoções estranhas é muito frequente. Eu conheci um rapaz que costumava ler à sobre mesa " Os naufrágos da ilha misteriosa " identificava-se tanto com as misérias dos pobres naufrágos que sofriam que para continuar a leitura necessitava ir debilmente na fruta para não sentir debilidade.

Constança- Como eu gostaria d'uma aventura desse género !

Ismael- Ver-se perdia n'uma ilha deserta ?

Diogo- Não sabe o que faz mas não se lhe dará je perde-se...

Ismael- Não o temeria eu acostumado a bormacadas e combates, mas a Constança com o seu viver tranquilo e feliz, cada dia igual ao seguinte e só in vespera...

Diogo- O espírito compraz-se sempre no contrario do que disfruta o corpo, e Constança isolatra a alegria e o perigo precisamente por que está habituada a tantas obediências que a sua vida é um eterno obedecer n'árido em que julga mais livre e mais senhora das suas ações.

Constança- Não me queixa, Sem dár mos por isso ou com conhecimento próprio todos obedecem a si nem ou a alguém mais ; Aos nossos superiores ás nossas paixões no nosso carácter... e eu prefero obedecer a quem me quer bem.

Ismael- Nesse caso já me direito a mandar.

Diogo- Comegas a comer a myxa pelo cargo !

Ismael- E vou ver até onde chega essa obediencia.

Constança- Vaya.

Diogo- Desafie... Vou dormir para não ser indiscreto.

Ismael- Que hei-de eu mandar ?

Constança - Vê como é difícil ?

Ismael - Dá-me uma flor.

Constança - Com muito gosto.

Ismael - Não, não é aí que não, dessas...

Constança - São iguais.

Ismael - Mas é dessas que eu quero.

Constança - E das outras não ?

Ismael - Não.

Constança - Estas trago-as no peito...

Ismael - Por isso valem mais.

Constança - E fazem como que parte de mim mesma.

Ismael - Por isso preciso.

Constança - Notarás em casa que me faltam.

Diogo - Dá-lhe a flor. Constança se isso te é gosto e elle deseja.

Privar-vos desse prazer porque viram porque podem reparar porque ficassem ou porque fiquem ?... Por ti propriamente preocupado ou pela consciência, sim vale a pena resistir a um impulso, mas porque os outros o contrariem ou favorejam, não ?

Ismael - Nunca.

Diogo - Dá-lhe a flor. Não as pizes porque seria des cortez, mas não as apanhes. Se n' aquelas flores visse alguma coisa mais do que a flor salva a tua, alegre-te que as restantes se quando não te ser para ti não sejam para ninguém e caiam no chão.

Ismael - Não. Que pelo chão se dispersem quando seja essa a vontade bondosa da sua dona, mas embora, não.

Diogo - Poesia, poesia... enquanto existirem almas, tu reinarás depois... depois serás tu a alma da humanidade.

Ismael - Amigo Diogo, preciso te usar de força e tranquilidade contigo e... queria que eu sou ...

Diogo - Não, não. Se é segredo não me contes... porque já o sei. Olha, Olha ! ...

Ismael - Deixa as cahir ? As que não formam paramim não servem para ninguém.

Diogo - Poesia Ismael, poesia. Quando a vemos surgir nós os trovistas ficamos sérios, quando passa adiante os seios trocam deia.

Constança - Os Srs. não veem ?

Diogo - Os Senhores, és tu. Vae.

Ismael - Eu só ?

Diogo - No actual momento és tu a consoante d'esse verbo. Vai nua.

Ismael reúne-se a Constança e entram juntos na capela. Diogo invel olha os sorridendo, da esquerda passam para a missa Angéla, Clara e Leopoldo seguindo de duas criadas. Da direita Augusto e a traz delle João Manoel e Pedro.



O interior do balaio das roupas. Para o canto direito da sala, sobre
a berço.



Clara - Olá Maria.

Grandes - Pois é, levaram-me isto?

Clara - Olá Zeca, onde está?

Grandes - Embora, a caminho do seu

desjejum no hotel. Tinha comigo algumas coisas que ia

Clara - Isto é estranho.

Grandes - Olá Maria, como vai a arraga?

Clara - Bem, bem, voltei ao Instituto Politécnico de Lisboa

Grandes - Olá Maria, não queres ir para casa?

Clara - Olá Zeca, ainda tens alguma coisa de interessante?

Clara - Naturalmente. 20 Acto.

Zeca - Boa noite.

Clara - É que só fui dormir. Fizemos tanto trabalho, e eu fiquei
praticamente sem sono. Fazia frio, fui para cama cedo e joguei
os lençóis e saíte em cima... E como não fiquei, só quer
ia que fizesse isso.

Zeca - Dali para a frente me põe a dormir. Vou a casa tua e não
vou te mandar, se preferires em família... Estou feito e tudo
isto só aqui.

Clara - Não quero que tu fiques.

Zeca - Não é isso que necessitas? A despedida é sempre difícil, e
antecedentes e passado doloroso, mas agora em tudo é a tua
mão, abraços e beijinhos, beijinhos e abraços... E como se dissesse
não tenho mais que novas esperanças, novas expectativas,

Um interior em casa dos Duques. Pode ser um pátio ou uma habitação.

À tarde.

1º Scena

Creada - Posso levantar isto?

Clara - Os Srs., onde estás?

Creada - No jardim, a exceção do Enr. Ismael, que está no seu quarto, arranjando as malas. Pediu que lhe levassem lá o café.

Clara - Já o serviram?

Creada - Ao Sr. Ismael?... Sim, minha snra. imediatamente. Pudera, não!

Clara - Está bem, está bem.

Creada - Os senhores não querem mais nada?

Leopoldo - Com elle, andam todos ligeiros, a caga da gorgata.

Clara - É natural. - Porque dormes, Leopoldo?

Leop. - Porque tenho sono.

Clara - É justamente por que te pergunto. Porque tens sono a estas horas?... Vê se esperas fazes favor. Pode entrar alguém e julgar que passamos a noite em claro... E como não é verdade, não quero que jalgue tal.

Leop. - Belisca-me a ver se me passa o sono. Uff, A família, o almoço em família, as palestras em família... estou farto de tudo isto até aqui.

Clara - Até onde? Não vi o gesto que fizeste.

Leop. - Até à raiz dos cabellos! É incontestável a nossa linhagem, é indiscutível a nossa nobreza, mas todos os dias e a todas as horas, nobreza e linhagem, linhagem e nobreza!... E como se ainda não bastasse o que nos ~~obrigam~~ obrigan a ouvir, ainda nos manda, para, o que não estão dispostos a ouvir.



cam com o que nos obrigam a fazer.

Clara - O que é que nos obrigam a fazer?

Leop. Por exemplo, a vestirmo-nos todas as noites, como se fôssemos para um baile.

Clara - E vestirmo-nos para ninguém nos ver!...

Leop. Pois isso é que é.

Clara - Uma caturrice.

Leop. Está decidido, vou a Paris.

Clara - Tu?

Leop. Contigo, está visto.

Clara - É uma excelente ideia. E dinheiro?

Leop. Ahi é que bate o ponto.

Clara - Então... ponto final.

Leop. Não. Ponto de interrogatório.

Clara - O ismael é muito teu amigo?

Leop. E, porqué?

Clara - Nada.

Leop. A avó lá escorregou com 2 mil pesetas....

Clara - Nem chega para a viagem.

Leop. Mas o tio Agusto, nem um centimo. Bons conselhos e palmadinhas

Clara - no homem, para com a massagem, entrarem os conselhos, mas nada

Leop. de abrir os cordões á boleia. Disse que este ano era impossível.

Clara - E a tua fortuna? Quando se fazem as partilhas?

Leop. Sempre a mesma cantata: que não convém precipitarmo-nos, que
é uma vergonha vender as propriedades, que esperemos... que
esperemos....

Clara - Que aborrecimento!

Leop. Eu, porém, é que não estou disposto a continuar a ouvir esta la-



dainha constante, recrudescida agora com a presença do Ismael, que seja dito em abono da verdade, não sei como elle atuma isto, pois que a avó não se farta de o espicáçar, tratando-o de plebeu de hereje... e d'outros qualificativos semelhantes.

Clara-Mortifica-o de mais, é verdade... mas elle não entende ou finge não entender

Leop. Lá anda a tratar do seu negocio... da compra d'essas terras e verás que em seguida se põe a amiar, dizendo de nós cobras e lagartos.

Clara-Parece-te?

Leop. E acho-lhe toda a razão.

Clara-Não tenho que vestir! Não posso reajustácer com os vestidos do inverno passado.

Leop. Não?... Então deita-te a dormir.

Clara-Vocês são muito amigos, não é verdade?

Leop. Vocés, quem?

Clara Tu e o Ismael.

Leop. Porque insistes n'essa pergunta?

Clara-Talvez elle pudesse facilitarte...

Leop. Nunca -- Que disseste?

Clara-Não falei.

Leop. Nunca...

Clara-Bem...

Leop. Não hei-de ir pedir-lhe cinco ou seis mil pesetas... Poderia parecer que era uma encostadiella.

Clara-Pede-lhe uma quantia que não o pareça.

Leop. Cincoenta mil?

Clara Porque não?



Leop. - Porque não m'as emprestava.

Clara - Quem sabe? É incrivelmente rico, e hoje, não é capaz de negar um favor a ninguém à esta casa.

Leop. Naturalmente, com a minha assignatura...

Clara - Naturalmente. Pedes?

Leop. Se eu tivesse a certeza que...

Clara - Experimenta. E aproveita a occasião porque parte amanhã para Madrid, no comboio das, às 30.

Leop. - Tem de ser hoje... é claro.

Clara - Olha!... Pede-lhe cem mil.

Leop. Clarinha...

Clara - Com a tua assignatura, naturalmente. O mau bocado a passar é o mesmo, e resolve-nos uma porção de apuros.

Leop. Isso é verdadeiro...

Leop. - Mas é que a tua mãe sempre fala das tuas expectativas.

Scena 2

Oz meusmos e João Manoel.

João - A senra Condesa, dá licença?

Clara - Que queres João Manoel?

João - Era para os Srs dizerem à senra Duquesa, que a vaca pintada está a espichar o pernil e que o srº-veterinario não responde por ella.

Leop. - Dize-lho tu.

João - Isso não digo, não me atreve a dar-lhe essa novidade.

Clara - Nem eu, D. Inocencio que lh' o diga.

João - Sim, D. Inocencio é o melhor. Nem sei como o padre engorda com os sustos que lhe prega a Srta Duquesa. Não é que ella tenha mau gênio... mas tem gênio.

S. R.

CENSURA

PORTUGAL

Clara - Não lhe replicando, a trovanda passa depressa.

João - Vou então ter com o Sr. padre capelão, se me dão licença.

Clara - Vai com Deus.

Leop. - Recuso que seja muito exagerado pedir-lhe cem mil...

Clara - Como se o seu nome não respondesse por isso e até muito mais.

Leop. - De sobrard.

Clara - Avô.

S. R.

Caixa de Seguro Social
Imprensa Geral de Espectáculos

CENSURA

PORTUGAL

Angela - Que estás aqui fazendo?

Leop. - Intentando uma sesta.

Ang. - Para dormir ha horas marcadas pela Natureza. Eu nunca dormi de dia e estou forte e saudável, talvez por isso mesmo.

Leop. - Mas o tio Diogo, costuma sempre deitar-se das 3 para as 4 da manhã e levanta-se no meio dia, e apesar disso está bem robusto.

Clara - E a isso o atribui.

Ang. - O que queres dar a entender? Que eu não digo a verdade? Discutir a opinião das pessoas de idade, é de mau gosto. Não o esqueças, Clarinha.

Clara - Eu não queria dizer...

Ang. - Deixo-os com o Sr. de las Torres.

Leop. - Obrigado.

Ang. - Vou rezar as minhas orações da tarde, que logo vem gente e não me deixam. - Ouviu?

Torres - Bem o quizera. (Ang. faz-lhe o sinal por gestos de que vai rezar)

Muito bem, muitobem; tenha-me presente nas suas orações, que, pelas virtudes da srma Duquesa hão-de ser muito gratos à sua ci-

Angela - Tomem conta da filha.

Leop. - Esteve aqui toda a manhã como pretexto da missa, aqui almoçou com o pretexto do almoço e aqui foi ficando para o sermão.

Ang. - Não queres sacrificar-te? Não esqueças, Leopoldo, que o respeito e consideração são a base da família, e se tiveres filhos, o que me parece que o cau não quer conceder-te...

Clara - Não lhe ralhes também por isso, avó...

Ang. - Aceitarás melhor as minhas reflexões. Cuida d'este cavalheiro, que honra a nossa casa com a sua visita, muito melhor do que certas pessoas.

Leop. - Ismael vai-se embora amanhã.

Ang. - Não mencionei ninguém. Não fiz referências.

Clara - Não.

Clara - Scena IV

Clara, Leopoldo e Torres

Leop. - Tudo lhe serve para uma reprimenda ou para um sermão.

Torres - É discretíssima esta Sra, D. Angela de Fuentencoro.

Leop. - Como é que o sabe?

Torres - Hein?

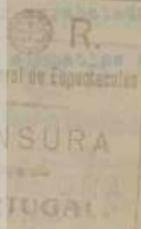
Clara - Como é que o sabe, se nunca ouve o que ella diz?

Torres - Conheço-a desde muito jovem e goza justa fama de entendida, de muito recta e de muito religiosa. Nunca me cansarei de elogial-a como merece.

Scena V

Os mesmos, Diogo, e D. Inocencio.

Leop. - Se faz favor, D. Inocencio, diga à avó, que a vaca pintada está



a morrer e que se pode ir dispendo para comprar outra.

Inocencio.- Eu é que hei-de...

Clara - Também lhe tem medo?

Diogo - Esse também é muito lisongeiro para a família.

Leop. - Deime-se de considerações e faça o que lhe mandam.

Inocencio - Eu não discuto, Snr. Conde. E obedecerei como sempre.

Diogo - O cara não te envergonhas de ser tão pusilâme? Sé energico uma vez ao menos.

Inocencio - Temos em casa o exemplo, no Snr. de La Pená, de como uma pessoa por sua vontade chega a ser poderosa e considerada, eu sou o exemplo de como uma pessoa é força da vontade chego a não a ter. Eu em creança, era de carácter arrebatado intransigente, com ideias proprias, opiniões, simpatias e antipatias...emfim, um poço de defeitos.

Clara - Defeitos, não.

Diogo - Cala-te. Ele lá deve saber melhor do que tu.

Inocencio - Pois é verdade, Até que um dia me convenci de que ia por meu caminho e propus-me entro guiarmo meu pensamento pelo que os outros pensavam, aprefeiçando-me tanto n'esse labório, que consegui apagar a minha personalidade, eu, não sou eu, sou a pessoa com quem fallo e se com dez pessoas falo no dia, sou dez pessoas e tenho dez opiniões diferentes e o mais interessante é que das dez vezes, estou firmemente convencido do que digo.

Clara - Aparentemente, na cortezia de não contradizer, talvez, mas lá no seu íntimo...

Inocencio - Quasi a mesma coisa.

Diogo - Pois eu acho lamentável o teu sistema. Não digo que preten-

Inocencio - Ins levar sempre a tua ávante, mas quando a occasião exige, um bocatinho de integridade, n'ho deixa de ser muito conveniente.
Inocencio - Aconselha-me V. Exa., a que tenha um arranço de energia, quando as circunstâncias parejam pedil-o?...
Diogo - Isso mesmo.

Inocencio - Perfeitamente. Suponhamos que o tenho com a Srta. Duqueza, des-
Diogo - pede-me... saio desta casa... S. R.

Diogo - Encontrará outra. Casas nunca faltam.

Inocencio - Perfeitamente. E é essa outra?... Novo arranço?

Clara - Não! Isso não é grande novidade.

Inocencio - Pois então o que hei-de passar lá, bem posso sofrê-lo aqui, Claro - poupando a caminhada. E desculpe, que lh'ó liga, meu caro D. B. Diogo - quem nasceu para humildade n'ho se deve alvorotar por humi-
Clara - lidade e as maximas de energias são boas para os triunfadores, Clara - para os que acertam na sua rebeldia, para os mais acrretam-lhes muito barro e nunca tiram d'elas proveito. E relevem-me ter fa-
Nuno - lido tanto de mim mesmo. Com sua licença, vou transmitir ir o te-
Clara - cado da vaca pintada, já que assim o determinam.

Clara - Mas imediatamente o aviso.

Scena V.L.

Felicite - Ela é sempre a mesma bonita personificação.
Clara - Os mesmos menos D. Inocencio.

Leop. - Que dizes tu a isto, Diogo?

Diogo - Digo que é um disparate esta coisa de dar conselhos aos outros. Cada qual lá tem as suas razões para proceder assim ou assado e só Deus sabe que enorme quantidade de energia é precisão para cometer muitas vezes, o que nos parecem cobardias.

Clara - Tem toda a razão.

Diogo - E digo também que continuarei a dar conselhos que n'ho peçem,

Clara - por minhas razões particulares.

Leop. -O essencial é que elle vá dar o recado.

Diogo - Sónis de Eguiza é um grande filósofo. Não quero com isto fazer-te a injuria de supôr que saibas filosofia... ou qualquer outra coisa.

Clara - Sabe amar-me, e é o bastante.

Diogo - Quem o duvidaria? No entretanto, gabo-me de ter dito a maior verdade que os séculos tem ouvido: faga cada qual o que lhe importa e não se importe com o que faz cada qual.

Leop. - Não nos dá com isso uma grande novidade.

Diogo - Não, Apesar disso guarda-a que te ha-de aproveitar.

Clara - Lá está outra vez a dormir o Sr. de Las Torres.

Leop. - Vamos despertal-o? pregando-lhe um susto?... (*atira uma cadeira no chão*)

Diogo - Leopoldo!

Clara - Estava a dormir?

Torres - Não. Estava a conversar com os meus botões, como tenho por costume ...

Clara - e agora cá de mim para mim elogia esta casa onde estivemos túdo e todos.

Clara - Mas especialmente a avô.

Torres - Ela é a virtude e a bondade personificadas.

Clara - E os outros?

Torres - Os outros são i'sla e reflexo. E não imaginem que teve sempre os cabelos brancos e o andar lento. Não! Foi bem alegre e bem agil e bem formosa... e bem requintada. Quando casou era uma encantadora jovem e o marido era outro.

Diogo - O quê, não era o mesmo?

Torres - Quero dizer: outro jovem encantador.

Leop. - Isso esclarece um pouco.

S. R.

Batalha de Expectaculos

CENSURA

PORTUGAL

Clara - Parece que elle o fechava a sete chaves.

Diogo - Sim, mas quando se apanhava à solta, era muito divertido. Se o vissem quando viajáva só... Tratando-se de casados, só quero dizer, sem a mulher.

Clara - Não aprendias essas coisas.

Torres - O meu grande amigo, o undecimo Duque de Azaral, era um fidalgó. Generoso, nobre, valente, cortez e com uma educação esmeradíssima. Protector dos artistas e entusiastico apreciador das Belas Artes.

Diogo - Isto posso eu confirmar. Das 3 vezes que fomos juntos a Paris, todas as noites ia ver quadros.

Clara - Em Paris, os muzeus, não fecham de noite?

Diogo - Os que elle visitava não.

Torres - O que diz? Não ouvi lá muito bem.

Clara - Que de noite...

Torres - Não.

Clara - (mais alto) Que de noite...

Torres - Não.

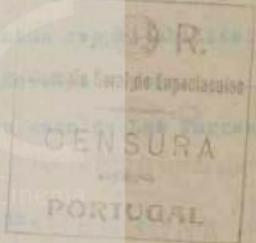
Clara - Como não?

Torres - D'este lado não, que é perder tempo. Por aqui nem uma bala.

Clara - Que o avô ia de noite visitar os muzeus.

Torres - (vendo os outros a rir) Tem muita graça. Em salamanca era popularíssimo, até as pedras da rua o conheciam. Quando sahia de casa, tinha de andar sempre de chapéu na mão, porque toda a gente o cumprimentava: Boas noites, Sr. Duque boas noites D.Luis Aieus Luizinhos, E os rapazitos, a quem sempre dava dinheiro para goluscemas, queriamolhe como a um pse.

Diogo - Talvez alguns tivessem razões para isso.



Torres - Gozava de grande fama.

Diogo - E usava chino, de cabello muito comprido e para dissimular, punha outro de cabello curto nos dias em que fingia ir no bar-

Leopoldo beiro. Omnis divertido é que da manhã para a tarde lhe crescia o cabello um palmo!

Torres - O que foi?... O que foi?... (Leopoldo finge que lhe fala ao ouvido) Ah! Ah! Tem muita graça! Tem Graça!

Clara. - Não faças troça, Leopoldo. (a Torres) Não disse nem uma palavra.

Torres - Bem sei, bem sei, confessinha de Eguiza. Mas se o fosse a perceber, malograva-se-lhe a burla, quero dizer, o gracejo, e não valia a pena que ficasse por tão pouco o engenho do meu jovem amigo, o sr. Conde de Eguiza, neto dos meus respeitabilíssimos amigos os Srs. Duques de Azaral. Não, não valia a pena.

Diogo - (abraçando) É um grande espertalhão, meu caro de Las Torres.

Clara - (a Leopoldo) Bem mereceste a lição!

Torres - Não tome isto como repreendim, Sra. Conde. CENSURA

Diogo - E se o fosse era muito bem dada.

Torres - Sei que é um grande defeito o meu.... Preferia ter um vício, embora fosse também muito grande, porque se ririam ou se indignariam sómente nas minhas costas... e de costas todos se parecem, mas não está mais na minha não fazer tão vantajosa troca. Assim não tinha outro recurso senão isolá-lo... o que seria horrível ou fazer questão pessoal de cada gracejo d'esses... o que seria impossível, porque ainda que conseguisse matar-me o mundo, ver-me-ia obrigado a ir disimulando a outra metade, ou então rir-me eu também, e é o que eu faço, convencido que os trocistas se cansam depressa, quando o trocado é o primeiro a

PORTUGAL

rir-se. Até logo, Condesinha.

Clara - Fique para o serão.

Torres - Até depois, Sra. Conde.

Leopoldo Queira perdoar...

Torres - Diogo... A gente bem sabe quando se torna ridículo, mas a vida
a de alguns, pelo menos - depende precisamente de o ignorar.

Diogo - Fica, homem. Aqui todos te querem muito, aos gritos, mas to-
dos te ~~apreço~~ estimamos.

Torres - Até depois, Diuguinho. Quando não me rio, não posso ignorar-me
muito em parte alguma. Os meus respeitos à Sra. Duqueza... e

Leopoldo - Desculpem...

Instituto Politécnico de Lisboa

Diogo - Deixai-te estar, homem.

Torres - Desculpem... Bons tardes, meus Senhores. (sac-)

Clara - Tudo bem.

Scena VII

Os mesmos menos Torres

R.

CENSURA

PORTUGAL

Escola Superior de Teatro e Cinema

Leopoldo Reconheço que estou insuportável!... Mas que querem? Esta atmos-
fera ~~é~~ de hostilidade que se respira em nossa
casa, torna-me nervoso.

Clara É nervoso, tio Diogo.

Diogo Sim, filha, sim. Quem não estiver muito enfrontado no sagrado
pensará que é má educação, nós podemos percebermos perfeitamente
que é doença e compadeçemos-a. Pobre Leopoldo.

Leopoldo Não começas tu agora com chalasgas, ou mango-me contigo e a coi-
sa pôde acabar mal para qualquer de nós ou para ambos.

Clara Quer dizer que lhe perdoe o tio.

Diogo Quer dizer isso? Pois então, que o diga, Clarinha, que o diga...
por outras palavras.

Clara - Esta muito contrariado por não dispor n'uma quantia que necessita.
Diogo - Contrariado por isso mesmo ando eu ha 50 anos.

Leopoldo - 66.

Diogo - Com certeza?

Leopoldo - Com certeza.

Diogo - Bem, ha 66.

Clara - Que precisão tinhas tu de rectificar?

Leopoldo - E tu de te meteres onde não és chamada?

Clara - Entendo, Leopoldo...

Leopoldo - Deixa-me em paz, ouviste?

Clara - Leopoldo.

Diogo - É nervoso, Clarinha, é nervoso.

Clara - Tem rascão.

Leopoldo - Ouve, tio Diogo...

Diogo - O que é, sobrinho? O que é?

Clara - (advertindo-o) Ismael.

Scena VII

Os mesmos e Ismael

Clara - Sr. Ismael. Não ha que o veja.

Ismael - Tenho estado a fazer as malas.

Clara - Tinha muito tempo.

Ismael - É trabalho que fica feito.

Diogo - Como vamos os sonhos, os nuvens e de poesia?

Ismael - Já voou tudo. Não ha remedio senão voltar á luta, sob pena de ficar vencido... O que não me convém.

Leopoldo - Ainda ahi está fechado o seu correio de hoje.



- Ismael - Vou tratar d'isso agora.
- Leopoldo - Se me visse obrigado a ler o a suspender a tinta na ladeira dentro dum meu cahis de canteiro.
- Clara - Isso é muito para sentir.
- Leopoldo - Com a fortuna que o our. tem já tivha mandado passar os negocinhos.
- Ismael - E com que havia de entreter-me?
- Clara - Deve ser muito divertido, mangiar milhos...
- Ismael - Isso é uma lenha; a realidade não promete. Uma simples assignatura n'un livro de cheques ou n'un título de vandas na bolga.
- Clara - Eu SABESENHA deixa o our. Iaria ao magnanimo de para lá beneficiar dizes que de ponto acordaram-na.
- Ismael - O mesmo digo d'ella.
- Clara - Peixinho.
- Ismael - Linda que seja à esse modo.
- Clara - Tem dado emolhos bem escritos...
- Ismael - Fui poltr, e quando me pedem recordo da Escola Superior de Teatro e Cinema.
- Clara - Realmente é encantador prestar o bem.
- Ismael - Assim é, minha our., apesar de que não estou muito convencido de que dar dinheiro é praticar o bem, nem sempre uma é a mesma coisa.
- Clara - Isso já é um bocadinho multicídio.



S. C. E. N. A. IX

Os mesmos e um criado

- Crado - (entrando com um telegramma) Já assinei eu próprio o recibo para que va lhe não se incomode. Se tem resposta venha já ao telegrafo.

Clara - (aperto a Diogo) São angelicais estes credos.

Diogo - Aqui, também o são os patrícios.

Ismail - Não, não é preciso. (a Diogo) É um caso Leblin à exa: é realmente interessante. (16) Confirmamos carta, créditos humanos, crédito minímo.

Diogo - A quem se referem?

Ismail - A um só indivíduo

Diogo - Julguei que era a outro.

Ismail - É possível que seja o mesmo.

Clara - Imaginável! sobre o seu correio von estou no tio Leblin, e falei-lhe.

Ismail - Faz anos? Instituto Politécnico de Lisboa

Clara - Bem-vindo! Disponho a fazer milh. alguma. Quero-nos dizer que Ismail está melhor.

Leopoldo - Não recua a carta, quero realmente encorajar-lhe essas linhas.

Clara - (apertando o braço de Diogo) Eu já não vos demorei...

Diogo - Se vais escrever estourar-te hei, o Cinema

Clara - Não.

Diogo - Então é que estouvo aqui?

Clara - Em parte nenhuma. Andá vem....

Diogo - O Leopoldo quer ralhar ou não? - Muito.

Clara - Um instante.

Diogo - Não me retira no tempo, medilo-me é quantas

Clara - Malicioso!... Andam só Diogo, andar n'arr...

Leopoldo - Que é que é isso, que é isso?

S C E N A X.

Ismail e Leopoldo

Ismail - (contudo abre o seu correio) Permite Conde?

Leopoldo - Distraímos-nos da sua leitura, sóvias minutos de conversação,

Ismael - É possível mas ouvirei-o com muito gosto.

Leopoldo - Trata-se d'um negocio particular.

Ismael - Um negocio? Desses que o Sr. Conde não faria se possuise a minha fortuna?

Leopoldo - No seu caso retirar-me-hia... em seguida a este.

Ismael - Sim senhor não está mal pensando. - Se me dê licença, continuarei a abrir o meu correio. Atenderei-o-há assim melhor. É um habito que adquiri no escritorio. Vejamos o negocio! Granie?

Leopoldo - Sim um tanto.

Ismael - Com que garantia?

Leopoldo - Aminha assignatura.

Ismael - Bem suponhamos que é uma garantia.

Leopoldo - (ofendido) Senhor de La Peña!

Ismael - (sorrindo) N'este momento, meu caro Sr. não é razoável.

Leopoldo - Sou o Conde de Eguiza.

Ismael - Exato.

Leopoldo - O neto da Duquesa de Azaral é o sobrinho preferido do tio Sebastião.

Ismael - Que minda vive?

Leopoldo - Sim, senhor...

Ismael - Pois um tio vivo, não é garantia comercial.

Leopoldo - Quer dizer com isso, que não?

Scena X.I.

Os mesmos e Constança

Constança - Não lhes consinto que permanegam aqui metidos com um dia tão bonito. Vamos merendar no campo?

Ismael - Como fôr do seu agrado... que para mim equivale a uma ordem.

Constança-(com seriedade comica) N'esse caso ordeno e mando que...

que... (pausa rindo) Não sei as formulas de mandar, nem sequer no mais insignificante, acho preferivel obedecer.

Ismael - Divers?

Constança-Já não se recorda da minha obediencia?

Ismael - Recordo, recordo...

Constança-Vou ver se convenço Clariinha, meu pae e o tio Diogo, a acompanharem-me no campo(muito seria) A avô não vae porque lhe causa grande fadiga andar muito .

Ismael - (satisfeito) A avô não vae?

Constança - Não (olha-o um momento seria e depois põe-se a rir) CONTALOS
contigo Leopoldo, hein?

Scena X.I.I.

Ismael e Leopoldo

Ismael - (vê desaparecer Constança, sorrindo feliz. Em seguida volta-se para Leopoldo) Quero dizer com isso, que sim , que estou pronto a honrar a sua assignatura.(sentava-se e volta a leitura ao seu correio)

Leopoldo - E facilitar-me...

Ismael - Sim! . Quanto?

Leopoldo - Bastante.

Ismael - Quanto?

Leopoldo - Cem mil...

Ismael - Cem mil quê ?

Leopoldo - Besetas, que eu... Ins...

Ismael - É curiosa esta carta, a confirmada pelo telegrama da casa Le-

blina & Cia. S.A., na qual se seguem pôr, quando houver oportunidade.

Leopoldo é (sorindo mal humorado) - Sim?

Ismael - Sim.

Leopoldo - A propósito de quê?

Ismael - De interesses relacionados com certos negócios meus. É muito curiosa.

Leopoldo - Far-lhe ha talvez mudar de resolução?

Ismael - Nem isto nem coisa nenhuma, tanto mais que isto já eu sabia.

Leopoldo - Devolver-lha-me no prazo de oitos.

Ismael - Está bem.

Leopoldo - E talvez nem seja preciso tanto tempo, porque infelizmente, a snuie do tio Sebastião...

Ismael - O Conde é mais generoso.

Leopoldo - Em quê?

Ismael - No prazo. Outros não o autorizam a viver tanto.

Leopoldo - Outros?

Ismael - Não se preocupe.

Leopoldo - Acrescentaremos pôs juros que o Snr. considere...

Ismael - Nenhuma. Em vez disso uma condição: é que se alguma vez eu lhe pedir um favor o Conde fará o-ha.

Leopoldo - E se não pudier?

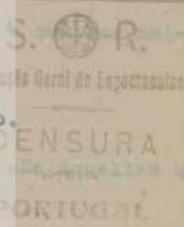
Ismael - Não podendo, dê-me a sua palavra de cavalheiro, de que não intervirá nem pró nem contra.

Leopoldo - Nada mais?

Ismael - Nada mais.

Leopoldo - O snr. é o ideal dos banqueiros.

Ismael - A força é ser pratico, em algumas ocasiões idealizo a minha vida e as uligeias. Amanhã, darei eu mesmo a ordem de pa-



gamento, em Madrid, em seguida pôde, quando quiser apresentar-se a cobrar, a não ser que prefira...

Leopoldo - Irei eu mesmo. Obrigado. Afinal o Sr., sempre compra aqui, a quelleas prioridades?

Ismael - Provavelmente.

Leopoldo - Dizem que o meu amigo tem grande s propriedades em Jaen e em Cordova, etc...

Ismael - Deu-me na mania aquirir.

Leopoldo Tudo quanto aparece?

Ismael Quasi. Tudo seria um exagero.

Leopoldo Desse-me ter feito ofertas extraordinarias! E em questão de mulheres, nem falemos.

Ismael - Em questão de mulheres, tenho-me visto obrigado a comprar muitos homens.

Leopoldo Isso deve custar caro.

Ismael Quanto vêm oferecer-se, nem baratos, os caros, são aqueles que nunca chegam a saber que se vieram.

Leopoldo O sr., é muito impreciso?

Ismael Pelo contrario: confiadíssimo, convencidíssimo...

Leopoldo É uma questão de carácter.

Ismael Não, é uma questão de preço.

Leopoldo Vou lá?

Ismael Peço.

Scena X I I I

O mesmo e Augusto

Augusto (entrando, a Ismael) Pensai que estava só.

Leopoldo E está, tio, está. Eu vou dizer a Clarinha qd prepare as malas



Partimos amanhã.

Lisboa 23/01 -

Augusto Para Paris?

Leopoldo-Primeiro vamos à Madrid.

Augusto -Para quê, uma volta tamanha?

Ismael -Talvez seja mais directo...

Leopoldo-Talvez. (Vê a Clara, que acaba de entrar.)

Scena XIV

Augusto - Os mesmos e Clara.

Augusto -(A Ismael) Já telegrafei avisando is que na quinta feira... E na quinta feira, não é verdade?

Ismael -Sim, senr,

Augusto -Muito amável.

Leopoldo-(a Clara) Não houve dificuldade.

Clara -Não t'ô dízia eu? Quanto?

Leopoldo-As com. Também foste tu que n'ô disseste.

Clara -(alto) Deixa! Aberta a carta para o tio Sebastião.

Leopoldo-Pois vou-lhe anunciar a nossa visita.

Clara -Vamos a Madrid?

Leopoldo-Embora não haja perigo, quero surpreendê-lo e abraçá-lo. E de caminho cobrar a massa.

Clara -Pois iremos abraçá-lo, diz-lhe. (Leopoldosae)

Ismael -(a Augusto) Sua filha procurava-o, Snr. Duque.

Clara -Quer ir mercenar no campo?

Augusto - Pois vamos. (a Ismael) Acompanha-nos?

Clara -Eu obsequio a Constança.

Ismael -Não...

Clara -Então estarei equivocada....



Scena XV

41

Os mesmos e Constança.e Diogo

Augusto - Um passeio no campo ?

Constança-(entra ie luvas, sem chapéu) Vinha pedirte licença...

Augusto - Mando pôr o braço com 2 parselhas e eu mesmo os lavarrei.

Diogo - Queres tu ? Então peço-te o favor de fixar nos cavalos, que
tem ie levar pessoas de muita estimação. Não te esqueças.

Augusto - Não tenhas receio.

Scena XVI

R.

Clara,Constança,Diogo, e Ismael

CENSURA

PORTUGAL

Clara - Foi pena terem despejado o Pedro, o cocheiro.

Constança - Guiava muito bem o galo, mas na palha da covaia, comia muito
mais do que elle.

Clara - Era um rapaz muito instruído.

Diogo - Viajou muito. Segundo consta, esteve na França, na America,
na cadeia... e aqui, o melhor que fez, foi ir-se embora.

Constança - O melhor.

Clara (- (a Ismael) Ver que lindo passeio vamos iar. Eu, em nova,
era entusiasta pelos passeios campestres.

Ismael - Em nova?

Clara - Em solteira.

Ismael - Crê que envelheceu no dia do casamento?

Clara - Foi uma cerimónia tão solemne e é uma mudança de estado tão tra-
finitiva, que impõe respeito. Eu tive um meio horrível.

Diogo - Justificado, filha, justificado.

Constança - O erro que n'esse dia se cometé é a causa de muitos dias hor-
rorosos.

Clara - E de muitos felizes.

Dioeso - Desses poucos.

Clara - Muitos. Pois crer, Constança.

Ismael -(a Constança) O erro, disse?

Constança - Sim.

Ismael - Erro em que pôde haver-o?

Constança - Em enganar-se a gente nos sentimentos ou no carácter.

Ismael - Não. Enganam-se aquelles que no casamento, apenas buscam uma solução, uma conveniência, uma aliança de classes e às vezes um marido na vida, supondo que se amoldarão que o amor acordá depois; aquelles porém, que já levam o amor como base, esses nunca se enganam.

Constança - E minha que um delles tais de amar basta o carinho do outro para que nos dois continue a parceria se amem sempre.

Clara - Essa teoria é bela, mas sujeita a muitas considerações.

Ismael - Nenhuma!

Clara - Tem que se amoldar no meio, no ambiente, às exigências sociais.

Ismael - A nada, a nada. Só há uma razão insuperável, que é o de não ser correspondido, quaisquer outros obstáculos, não me preocuham, nem tem o menor valor.

Constança - Isso é confiar muito em si mesmo.

Ismael - É ter luctado e conhecer a inépcia com que os outros se defendem. É que eu, Constança, tive a grande sorte de encontrar-me abandonado, sem ninguém e sem nada.

Constança - Chama a isso, sorte?

Ismael - Enorme! Ou desde o berço ver-se poteroso, o que é o melhor ou ver-se completamente abandonado. O que faz vacilar as ener-



gias, é que haja alguém, estupidamente bondoso, que nos assegure o pão e a cama. Não, não é preferível haja ter, para não se acostumar a ter pouca. Lance os olhos, pela ciência, pelo comércio, pela política, pela arte... e verá que todos aquelles que muito se elevaram, começaram muito em baixo: os que no meio nascem, no meio ficam.

R.

Constança - É uma verdade.

Clara - Porque o diz Ismael...

CENSURA

Constança - Porque ele o diz, querias que eu o negasse?

Diogo - Eu e tu, somos dois homens que erramos a vocação, unicamente por havermos nascido fora do nosso tempo. Quatro séculos antes tu serias um paladino heróico e audacioso, pelejando pelas cores de toucado da tua rainha, tu seria um bispo... e agora sou um vagabundo. No meu caso não se nota muito a diferença... não, tu, sim porque não é natural imaginar-se o Cid de lapis e caderne de notas, em vez de lança e elmo.

Ismael - Está com vontade de trocar.

Constança - Não é tanto assim.

Clara - Também tu o vês de capacete, couraça e guantes?

Constança - Assim, não, mas leal e cavalheiro, pronto a corrigir um desmando ou a emendar uma injustiça.

Ismael - Pelo menos assim procuro ser, pelo contrapartido, para dignificá-lo.

Clara - (a Diogo) E em razão tinhás, tio, em lhe chamar paladino e audacioso, sobretudo audacioso, quer-me parecer que o é.

Diogo - Idealiza um pouco. Não me surpreenderá, que qualquer dia se humanize demasiado.

Clara - Nem pensar n'isso! Nunca a avô consentiria.

Diogo - Vejamos como esgrimam n'esse terreno. - Infelizmente, meu caro

Ismael, se nada servem tais bravuras, nem se peleja tão só com a coragem. Há muralhas muito resistentes.

Ismael - Queres?

Diogo - Os preconceitos de classe, os pregaminhos, os orgulhos.

Ismael - Os orgulhos? Nenhum é legitimo: existe apenas um desculpável: o do dinheiro, porque compra todos os outros.

Constança Não!

Clara Não!

Ismael (a Clara) Se o deseja, convence-a hei, Sra, Condessa.

Diogo Dá-se por convencida... (a Clara) para evitar discussões.

Constança E a mim?

Ismael Seria mais difícil, mas lá chegariamos. Se eu amasse uma mulher...

Clara Uma suposição...

Ismael E a família me impusesse o seu voto.

Diogo Outra suposição... para discutir.

Ismael Que motivos poderiam existir para me deter? ideias? Não porque lh'as faria malhar. A estirpe? Não porque a nivalaria. Os braços? Não, porque também tenho os meus: vontade em campo de trabalho, estrelas na floresta, que significam a luz que ilumina a obra realizada... E se essa mulher não me repele, acrescentarei-hei umas barras de ferro entrelagadas, para significar que aqui e no amor é ela; se distiveram todos os meus amores

Clara (a Diogo) Aqui?

Diogo Foi o que ele disse.

Constança Compreendo bem que o Sra. edifique uma fortaleza com os seus próprios esforços e que se considere invencível, eu parem, no seu logar em vez de perguntar... "quererá?" ,,, Perguntaria

a mim mesma: poderá?

Ismael - Para quê? O irremediável seria que me fizesse: não quero"

Dizendo-me, porém não posso" que me importa? Poderá eu pelos
ídeos.

Constança-Contra...

Ismael - Contem um e contra muitos e contra todos, porque todos são
poucos, quando o impulso é d'um homem, e quando os que se lhe
opõem são apenas homens.

Clara - Não conta, pois comnoso?

Ismael - Como inimigos, não, porque ~~afixa~~ as mulheres em nós, auxiliam
sempre o homem.

Clara - Sempre?

Ismael - Tenho a certeza absoluta.

Constança-Es que a baseia?

Clara - (a Diogo) Este cavaleiro conta demasiado com as suas certezas.
zus.

Diogo - Ele lá sabe como se foi aquirindo. Quando o Leopoldo quis
falar com Ismael, tu agradeceste a minha ausência.

Clara - Sim, muito.

Diogo - Agora vou deixar estes agradecidos.

Clara - Dissimularsei mais alguns minutos. (Diogo sae)

Scena XVIII

Constança, Clara e Ismael

Ismael - Já va que esta certeza não envolve a menor insinuação.

Constança - Dil-o, porém, num tom de convicção, que faz com que o suponham menos bom do que realmente é.

Ismael - Isso consiste em que não basta ser bom: é mister ser forte

S. R.

CENSURA

PORUGAL

para impôr-se, mesmo quando é a bondade que se impõe. Constança-Eu é que não medo. Enquanto se mostram altivos, ainda temo um pouco de valor, mas quando suplicam, quando imploram, o meu coração abrandia e a vontade cai.

Ismael Parque não é vontade.

Constança Talvez...

Clara Diga, Ismael... aquella bela senhora, a tal Tuma misteriosa? é loura?

Ismael Não.

Clara Morena?

Ismael Não.

Clara Oxigenada?

Constança Não.

Clara Como o sabes?

Constança Eu...

Ismael Fazendo-me a justica de conceder-me bom gosto.

Constança Só por isso.

Clara E o Sr., uma essa mulher? Adoro-a

Ismael Sim, confessa de Egizia. Se o diz brincando, repetil-o-hei eu bem serio. Adoro-a.

Clara E ela... Ama-o?

Ismael Sim.

Constança Sim?

Clara Sim?...

Constança Ela já lhe disse? Ouviu-o dos seus lábios?

Ismael Não.

Constança E nesse caso não pode afirmá-lo



- Clara - Porque o ignora, muito embora o suspeite.
- Ismael - Não o ignora. Mesquinho amor seria o que precisasse que n'ão
dissessessem para se saber que existe.
- Constança - E o seu é muito grande?
- Ismael - Muito grande.
- Clara - Davido. E tu?... Não respondes?
- Constança - Também duvido.
- Ismael - Não
- Constança - Sim
- Ismael - Não
- Clara - Agora é para o senhor que se volta a minha estranheza. Como
sabe que Constança não o duvida?
- Ismael - Por...
- Clara - Por bom gosto também?
- Constança - Justamente. O que uma mulher não pode admitir em qualquer mu-
lher, é o namoro, o capricho, só se compreende o amor e paixão.
Não é mais do que pensar nos outros como se mim mesma. E é is-
so que Ismael supoz de mim.
- Ismael - Exatamente. Tem razão.
- Clara - Chega a ser milagre.
- Ismael - Ora diga-me Constança, não é verdade que não admite nem mes-
quinharias, nem hipocrisias, condescendências?
- Constança - Deserto.
- Ismael - Não é verdade que a hora d'amar, não é para si uma hora, mas
a vida inteira?
- Clara - A propósito que horas são? Temos de sahir.
- Constança - Quando quizerem. Por nós...



Clara - Por vós... estavamos avisados . Não sashiamos nunca. Vou dizer aos outros que ss apresssem.

48

Scena XVIII

Constança e Ismael

Constança - Eu vou...

Ismael - Constança... quer ouvir-me... o que já sabe ?

Constança - Ismael !

Ismael - Ha 10is anos que a aguardo esta ventura, receioso da minha propria felicidade... Deve ter já compreendido que estou aqui por sua causa e que aquisição d'essa terra à venda não foi mais do que um pretexto para aproximar-me de si

Constança - Ismael

██

Ismael - Constança , quero te tanto.

Constança - Os meus não não-te querer.

Ismael - Quem são os teus ? Pais e avôs ? orgulho de estirpe e braços d'armas ? Um dia compreenderás que tudo isso : é pouco para lutar pela vida ou contra a vida . Se te basta o meu nome , renunciemos a titulos e prerrogativas...

Constança - Os meus não não-te querer.

Ismael - Deixemos um momento em paz os teus. Depois me ocuparei d'eles falemos agora nós os dois de homem para mulher e de mulher para homem como 'se nenhuma mais existisse no mundo. Amo-te Constança , e embora tenhamos que descer em seguida às misérias de toda a lucta humana deixa me ouvir de ti sem temos e sem receio a divina vontade que ha de ligar-nos.

Constança - Também eu te quero Ismael,



Ismael - Ouvi-me Constança. Tu serás toda a minha ventura e eu serei o teu aspargo. Que em mim se despedaças sem alcançar-te, os ódios e as invejas dos que não merecem dictosos...

Constança - Tenho medo de que...

Ismael - Cala-te! diz-me que me queres e nada mais e eu luctarei por ti arremessando para muito longe todas as angúrias e os desgostos, e logo após um golpe áduo ou recebido irei buscar o teu carinho tranquilamente para que tu nem chegues a saber que existem penas n'este mundo.

Constança - Quero-te Ismael... quero-te

Ismael - E eu amo te como se fosse o futuro da minha propria vida a verdade maior que existe antes da morte. É assim que eu te quero Constança.

Constança - Deus te ouça.

Ismael - Assim será. E basta por agora, já falamos bastante demón. É tempo de averiguar o que pensam os teus.

Constança - Agora não.

Ismael - Contigo vacila porque o carinho é temeroso, com elas porem...

Constança - Podem ofender te Ismael.

Ismael - Tão meus inimigos são? Pois não ha lugar para vacilações e a elas ou contra elle a vou.

Constança - Ismael! Não vas ainda...

Ismael - Agora mesmo.

Constança - Deixa-me falar-lhes primeiro.

Ismael - Não. Dize-me queres, nada mais.

Constança - Quero-te

Ismael - E eu luctarei por ti. É o meu dever. Não tenhas medo que o sei bem

Constança - Ismael.

Sena XIX

Os mesmos - Augusto

Augusto - Quando quisermos....

Ismael - Já vamos. Sra. Duque de Azaral, temo honra de lhe pedir a mão de Constância.

Constância - Ismael.

Augusto - Da Marquesa de Doninos ? ! Eee

Ismael - Se o entende melhor desse modo, sim, da marquesa de Doninos ..

Augusto - Parem ella...

Ismael - Ela por si, responderá, unicamente lhe peço a sua resposta, Sra. Duque.

Sena XX

Os mesmos Angelas e D. Inocencio.

Augusto - Minha mãe... Ismael pede a mão de Constância

Angelas - De Constância ? Da Marquesa de Doninos ? Da que será Duquesa de Azaral ?

Ismael - Muito peço sim mi nha Sra.

Angelas - É uma brincadeira ridícula ? ou estás todos loucos ? E tu召mas-te Augusto?

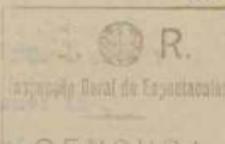
Ismael - Assim dis que não se opõe.

Angelas - E tu Constância, tu ouves isto sem te indignares ?

Ismael - Assim dis que consente no meu pedido.

Angelas - Mas estou eu aqui para impedir semelhante despropósito. Faz favor de se retirar... É o que lhe peço. Saia quanto antes da minha casa.

Ismael - E que responde ?



Ismael - Que não. Dize que não, Constança ! Não a ouvi ?

Ismael - E a Sra. Duquesa a uniu a querer ouvi-la.

Isela - Saia. Põe no fóra Augusto, põe no fóra

Augusto - Discutiremos isso, sim que fuija lá ?

Isela - Sem discutir. Fóra ! Não ? Pois tu também fóra d'aqui !

Augusto - Minha mãe ...

Constança - Avô ...

Isela - E tu também, fóra, fóra d'aqui ! Todos ! Todos !

Ismael - Sena XXI - Cade - said a Sra. que é de S. C. R.

e mesmos Diogo e Clara - Instituto Politécnico de Coimbra dentro de Espectáculos

Diogo - O que foi ?

Isela - Leopoldo ! Leopoldo !

Dara - O que sucedeu ?

Isela - Leopoldo ! Conde de Eguiza ! Vem cá, vem, vem Conde de Eguiza...

Sena XXII - da Superior de Teatro e Cinema

Ismael - Memos e Leopoldo

Leopoldo - Avô

Isela - Vem cá tu o ultimo da minha raça e ensina a respeitar o nosso nome
a esse aventureiro.

Leopoldo - Quem te ofende ?

Isela - Esse ...

Leopoldo - O Senhor ?

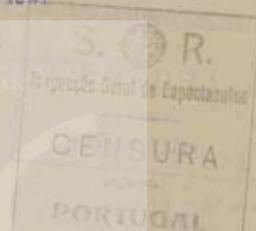
Ismael - Tive a honra de pedir a mão de Constança.

Isela - Mandá a sair, põe no fóra !

Leopoldo - Mas avô isto não é razoável...

Isela - Tu ?

Leopoldo - Não é motivo...



Angela - Tu tambem ? E a minha raga ? Onde está minha raga ?

Augusto - Meus !

Clara - Avô

Angela - Mentira ! Não são meus não me pertencem ! Onicestão os meus que
não correm a defenderm-me ? Os meus ! Os meus !

Leopoldo - Não te exaltes avô

Clara - Avosinha

Inocencio - Sraa. Duquesa.

Angela - A minha raga ? Onde está a minha raga ?

Ismael - Cumpriu o seu destino ! Instituto Politécnico de

Diogo - E vende-se

Augusto - Fim da se

Ismael - Engrandece

Final do segundo ato.



Escola Superior de Teatro e Cinema

7

THE BOSTONIAN



No. 1

39. Acto

O Salão nobre do palacio dos Duques. Tapeçarias e quadros nas paredes. Móveis sumptuosos, sem um único objecto moderno. À direita uma janela aberta. É de noite. Lamparinas eléctricas adaptadas a candelabros antigos. Personagens da toilette.

Sena 1



Diogo e Augusto

Diogo - Sim Senr. muito bem, passamos uma tarde agradabilissima ! Nem merenda, nem passeio, nem encontro.... Depois, um jantar funerário silencioso... fisionomias carregadas... e agora o habitual e fastidioso serho em que nadia se fará e nada se dirá.

Augusto - Compreendes que depois d' o que sucedeu esta tarde... aquele Ismael é de um atrevimento e n'umaousadia...

Diogo - Sejamos frances:parece-me que fez bem.

Augusto - Diogo

Diogo - Muito bem. Cada um deve proceder segundo a sua vontade.

Augusto - Devem, porém concordar, que a desfachatez e o atrevimento de Ismael...

Diogo - E a tua falta de criterio pedindo-lhe trezentas mil pesetas ? E de Leopoldo pedindo-lhe outra milha cheia d'elas ? E a de tua mãe pondo o fôrme de casa ? Se todos voces praticaram a sua refinadissima ameira, porque não se estranhar que o Ismael de quisesse sair também com a sua ?

Augusto - Esse cavalhazir o veio só para ...

Dingo - Guido Augusto, não cais na imperdonável impaciencia de imaginar que os outros são tolos. Ismael veio cá porque lhe convinha cá vir e não porque te conviesse a ti, nem assim como tu o chamas te por conveniencia tua e não dele.

Augusto - Está claro

Diego - Põem quando está claro no alheio, não há razão para que esteja escuro no proprio. E será demasiada ingenuidade imaginar que nos podemos utilissimamente os outros e que os outros não se podem utilizar de nós.

Augusto - Podia ter procedido de outro modo.

Diego - Isso é lá com elle

Augusto - Devemos convir que não é correcto nem cavalheiresco aproveitar-se

S. R.

Geórgio Bernardo Coimbra

CENSURA

MORTUO

Diego - das circunstancias que nos colocam momentaneamente numa situaçao - não dificil para tentar dominar-nos. Ah! que se não fosse por isso sahia esta tarde d'aqui a ponta pé...

Dingo - A ponta pé?

Augusto - Tão certo como é u-chamar-me Augusto.

Diego - Isso prova apenas que errou muito acertadamente em só falar depois de se apoderado de vocês. E não o confesse. Farto de ver egoísmos mascarados não desgosto de encontrar um psixologista combatente de rosto descoberto. E acho admiravel um sujeito que atira sem mais cerimonia pela borda fóra quanto o encocada, a comezar naturalmente pela familia.

Augusto - Diego!

Diego - E não o podemos censurar por se desfazer de todos os obstaculos visto que qualquer de nós faria a mesma coisa se tivesse o seu arrojo e a sua firmeza de carácter.

Augusto - Não, a mesma coisa, não. O Duque de Azaral nunca esqueceria a conserfingão devida a uma casa alheia... e nenhum homem absolutamente nenhum pretende casar se unicamente com a mulher. A família também é alguma coisa com a breca!

Diogo - Trezentasmil pesetas para ti, cem mil para Leopoldo e os deplantes de Angelia. Eis a família neste caso, e já vez que contou com ela.

S. R.

Augusto - Eu refiro-me a considerar. Hoje é dia de Carnaval.

Diogo - Necessas quantias vai incluir a moral também. E se vais casar com tua filha tu verás como essa mesma moral vos impede de lhes restituír.

Augusto - É claro.

Diogo - Já temos fios claros. São de sobra para estarmos de acordo.

Augusto - Suponhamos que aparece por aqui... convences-te de que a não partires esta noite?

Diogo - Deve aparecer. Não vai de certo ficar encerrado no seu quarto.

Augusto - E seria um escândalo ir para um hotel. O que diriam os criados?

Diogo - O que ouviram dizer nos apos.

Augusto - Pois fidando e fazendo a nossa vida do costume, podemos explicá-la como uma pequena desavença, já correctamente dissipada.

Diogo - Sim, sim!

Sexta 2 /a

As mesas e 1º -endo

Creando - (Entra com um telegramma para Diogo) Don Alberto, o notário pergunta se o Sr. Duque o pode receber.

Augusto - A estas horas?

Diogo - (Lê o telegramma) Sim a estas horas.

Angusto - Sem urgente ? Que entre no escritório. (o credor o sae)

Diogo - Vou preparar los.

Angusto - Para quê ?

Diogo - Para heranças. (lendo) Tio Sebastião nem esperava. Prepare família, fatal notícia .

Angusto - Que pena ! Era um homem adorável ! e ainda esta manhã recebe nos

Credor - aquele telegrama das melhorias que nos tranquilizou.

Diogo - Isso... intranquilizou.

Angusto - Não, não. Estimavamo-lo muito e era digno de todo o nosso afecto

Credor - pela sua bondade e inteligência ! Estou pensa nalguma outra coisa.

Diogo - Também se parece.

Angusto - Bem que este telegrama me vai permitir responder como merece às impertinências e desconsiderações desses pedantes do Israel.

Diogo - Para te encostares com mais razão, aguarda a herança.

Angusto - Não calculas quanto eu daria por quebrar a câmara.

Diogo - Olha o notário que te espera.

Angusto - Lá vou; lá vou !

Diogo - Talvez o Tio tenha feito o testamento aqui.

Angusto - Testamento ? para quê ? não é preciso . Sou o parente mais chegado.

Diogo - Peço prazer de nomear te seu herdeiro. Podes já livrar te duvidas.

Angusto - Vou já. Vou já, não mostras por hora esse telegrama. (sae)

Diogo - Que os prepare !... Já estou preparado há muito tempo. (vai à jangada)

Rela ondás observa a serra que segue)

Serra III

A credora - Quem é esse homem ? Esteas jangadas i serra de jangada que se

A credora e o credor

A credora - Anda cá, anda cá. Quanto te deu o Sr. Ismael ?

Creado - Nada

Creada - Embusteiro

Creado - Já te disse que não me deu nada

Creada - O que foi então que tu guardas tu no bolso quando nuns te de
quarto delle ?

Creado - A ti que te importa ?

Creada - Deixa ver o que tens no bolso.

Creada - O que não é da tua conta.

Creada - Deixa ver ande

Creado - Não me toques, olha que eu chego te

Sena IV

O mesmo Diogo e Angela

Creada - Tu a mim ladão ?

Angela - Que é isto ? Que vergonha é esta em minha casa ?

Creada - É este que me quer roubar

Creado - Quem quer roubar é ela

Creada - Mentira, que é tu

Angela - Silencio ! On deois ficam demde já despedidos !

Creada - Senhora Duquesa ! ...

Angela - Já disse, despedidos. Para diâqui . O Snr. D. Inocencio lhes
fará as contas. (gnomos crônicos)

Sena V

Angela - Diogo -

Diogo - De pouco te escandalizas, prima Angela .

Angela - Pouco, dizes tu ? Estes lacnios ! almas de lacnios que em
venho uma simplesmœda diante dos olhos mostram logo o que não é
d'onde veem. E n'gento ser obrigada a ter gente dessa junto de



nós. Mas que sentimentos, a vida está para estes interessados e vidas.
lões.

Diogo - Se soubesses quantos usam por dentro a mesma libré.

Angela - Não !

Diogo - Entre os que vestem casaca, há menos ocasiões de dividir grogas-
Amélia - mas quando chega o momento da distribuição insultam-se e
Bianca - engalfinham-se do mesmo modo.

Angela - Não Diogo, não. Poderá haver egoísmo igual, não ponho em du-
Gilda - vida, mas há mais corregão.

Diogo - Como quizeres. Eu, é que em presença d'uma cobiça não aposto
Diogo - um centavo nem por libréas nem por casacas.

Angela - Enganaste-te !

Diogo - Como quizerem.

Angela - Que fazes de pé ?

Diogo - É para crescer.

Angela - Senta-te. Porque não te sentas ? Temos que passar a noite em
sermo. Não há razão para alterar os nossos hábitos.

Diogo - Não ?

Angela - Não ! se Diogo... não contigo. Mas se tu meias com tu

Diogo - Bem.

Angela - A maior vantagem de suportar as contrariedades da vida é ficar
Loreto - superior a elas. Podesse sofrer só por dentro, devia se sofrer
Diogo - mas salval-se as aparições, para evitar a humilhação de que
Clara - se compadeçam de nós.

Diogo - Conformes.

Sexta VI

Os meus amigos Constança, Clara e Lepoldo

Constança - Boas noites !

Angela- Boas noites , Diogo !

Diogo- (que ia a sair) Não me ia embora .

Constança- Demoram-se ...

Diogo- É verdade.

Clara- Boas noites avô

Angela- Boas noites.

Diogo- Esteve hoje um tio muito bonito

Angela- Esteve

Clara- O tempo parece que está seguro.

Angela- Está .

Diogo- Morreu a vaca.

Angela- Compra-se outra.

Diogo- Talvez não seja tão boa.

Angela- Mas escolhe-se e por conseguinte melhora-se.

Diogo- Depois veremos,

Angela- Tudo se necessita ver. Também há muita coisa que parece incrível.

Constança- Avô !

Angela- Vou com Diogo... e não contigo. Mas se te melindrás te ...

Constança- Avô !

Diogo- O senhor promete .

Leopoldo- Quem havia de imaginar que Samuel é

Diogo- Ninguém.

Clara- Por aquela facilidade no empréstimo devins te lo suspeitado tu tambem.

Leopoldo- ~~que~~ o suspeitasse não lh' o perde.

Clara- Agora já não tem remedio.

Angela- Que estão dizendo?

Diogo- Nada, palestras de família.

Leopoldo- percebe-me que não metemos as gravatas na mala. Vou ver.

Clara- Deixa que eu vejo.

Leopoldo- Não, vou eu.

Clara- Vou eu.

Diogo- Ninguém percebe que é um pretexto para se enfarem.

Sena VII

Os mesmos, crenta, devem credo.

Credio- O Snr. Conde que fanga o favor de chegar ao escritório.

Leopoldo- Para quê?

Instituto Politécnico de Lisboa

Credio- Chama o Snr. Duque.

Creanta- Snr. Diogo, O Snr. Duque diz que vá lá imediatamente.

Clara- Avontou-se alguma coisa? (Sabe Leopoldo é credio)

Diogo- Não. É que o Augusto está em conferência e talvez se tenha produzido uma fuzilhada de fios.

School Superior de Teatro e Cinema

Credio- Diz que vá depressa.

Diogo- provavelmente é o que foi. (Sabe)

Clara- Com quem está o Snr.?

Credio- Com... A

Angela- Seja com quem fôr. Não temos curiosidade (credio sabe)

Clara- Temos sim avó.

Angela- Não, senta-te.

Sena VIII

Os mesmos e Leopoldo

Leopoldo- Clara, Gharinha vem cá!

Clara- Ah! Meu Deus, o que é?

Leopoldo- Vem, vem! (Sabe os dois)



Constança - Avó

Angela - Ninguem me chama. Não tenho que lá ir. Vai tu se te interesses.

Constança - Não ... Eu não.

Sens IX

Constança - Queres os teu trabalho ?

Angela - Não .

Constança - Queres um livro ou um jornal ?

Angela - Não.

Constança - Avó ! Por compaixão ! pala ! Confrange-me mais o teu silêncio a tun frienza.

Angela - Para quê ? as tuas opiniões não são as minhas. Dizem que é livre de escolher o caminho que te aprouva. Já o escolhes tu.

Constança - Mas ralha comigo ao menos ! Ralha comigo, avó !

Angela - Não . Já passou a idade de ralhar e de dar conselhos. Agora estamos na hora das rebeldias, no que se chama força de vontade e das faltas de consideração a que se chama energia de carácter. Só me resta renegar de ti... ou de mim. Nem uma nem outra coisa me satisfa.

Constança - Já não cres no meu carimbo: por ti ?

Angela - Só te peço um unico favor... um unico ! Nada mais. Gostas desse homem ? Pois continua a gostar . Agrada-te uma união desigual ? Pois ensei !... Não te custa quebrar os laços de sangue ? Pois querás os mas não cometás a faleidez de querer misturar o amor que tens por elle com o que dizes ter por mim. De mim não pode gostar quem se compraz em atrançar-me naff ilusões as crangan os preconceitos, já que tu mais sabia lo que eu entendia que são preconceitos, arrancar-me enfim, d'uma vez para sempre tudo o

S. R.

Imprensa Social da Encyclopédia

O E N S U R A

P O R T U G A L

que adoro na vida e em que tanto acreditei.

Constança- Contra tamanha injustiça, que hei de eu dizer-te?

Anselma Não digas nadinha que é melhor.

Constanç-a- mas que hei de eu fazer para convercer te?

Anselma- Tudo menos perguntar lo. Se se apagaram da tua memória os meus
carinhos e sacrifícios, senão te preocupam os meus muitos anos
que por serem tantos deviam ter engravidado para ti, se não com-
partilhos do meu respeito á tradição e no passado que tanto
te ensinai a respeitar e que pelo que vejo não aprenden te que
tenho eu que te aconselhar Constança, se não que sigas o teu
caminho? Segue!

Constança- Em teu socorro acodes, A vó e não será eu quem te replique
nas minhas nadas diantes te contra Ismael.

Anselma- Nem penso em o dizer.

Constança- Desprezal-o?

Anselma- Ainda não chegou a tanto.

Constança- Mas se tenho de o explicar, alguma coisa lhe hei de dizer
e é isso que ainda não sei. Tudo o que nós somos e mais que
fossemos, para nós está muito bem e quando falhas de estirpes
de linhagens, de braços, falhas de que é necessário, nadinha mais,
mas a elle, a elle contra elle, o que hei de eu dizer a vó?

Anselma- Isso mesmo.

Constança- Não me entenderá... E talvez não encontre firmeza na minha
voz para evocar os antepassados quanto elle me fallar do
futuro porque é enorme a distância e o calor não chega lá
embora chegue a luar.

Anselma- Essa homem só quer afidiglar se e enobrecer o seu dinheiro.

Angela - Só tens o teu consentimento para esperar de mim morto.

Constança - Não pouco valho.

Angela - A tua morte é que não faz-te esperar muito.

Angela - Vales muito.

Constança - Então podes vir por amor de mim.

Angela - Não o creias, Ven só para aparentar-se.

Constança - Se não se olhar as coisas se não pelo lado menquinho, si!

Angela - Avó com que logicas poderiam acusar-me de lhe ir atrair a

Constança - porque sempre temos que querer o que queremos e da vida
sua riqueza.

Angela - Não preciso d'ella.

Constança - E elle da nossa parentela? Ai de nos! É aí que

Angela - respeitamos esta atmosfera e não queremos averiguar se ha

Angela - outras, sim é necessária, mas elle? ... Elas que sao... elas

Angela - n'ha de sobra que ha outros mundo e que se chega ao cimo

Angela - por outros caminhos, ele poderoso e adiuldo, ele que se

Angela - fez a si mesmo, acreditard por ventura que somos mais do

Angela - que elle? ... Não avó, não, Israel não me.

Angela - Estás enganada.

Constança - também ele o está imaginando que mereço tanta lucta. E tam-

Angela - bém tu próprio o estás que o trattas por inimigo e continuas

Angela - a n'ha fazer em seu deshonro.

Angela - E que assim seja? É t'ho cego t'ho desesperado o teu amor por
esse aventureiro que não podem esperar que eu chegue a conven-

Angela - cer-me, ou então que eu desapareça deste mundo?

Constança - Não me digas isso.

Angela - Tanta pressa em amanhã malfaide para comigo?

Constança - Não me martirizes mais avó

Angela - É uma cegueira Constança, uma cegueira que ha de amargurar te
a existencia. Queres ver me de joelhos?

GENSURA

Constança - Avó !

Angela Guarda o teu consentimento para depois da minha morte, só
te prometo uma coisa é que não has-de esperar muito.

Constança Avó !

Angela Por mim! Por mim!

Constança Desistirei.

Angela Adiar... só!

Constança Não basta, porque esperar pela tua morte é deseja-la e eu não
transijo com a morte nem mesmo para obter a felicidade.

Angela Não podiam ser felizes.

Constança Desistirei Avó, desistirei.

Angela São tão diferentes os vossos pensamentos, a vossa origem, as
vossas idéias!

Constança Desistirei já te disse Avó! E não por idéias, nem por estíp-
pulações, nem por brântos, que por muito caros que súe me sejam,
não passar de fastasmas, e eu não me deixe guiar por fantas-
mas. Mas desistirei por ti, avó, pelo teu carinho, pelos teus
rogos, pelo teu desgosto,... que súmes sim, são verdadeiros
e isso é mais do que isso sei que te devo.

Angela Constança, Constança não te aflijas.

Constança - Deixa-me sofrer avó, que é isso o menos que eu posso fazer
pelo meu carinho.

Angela Foram ouvidos os meus rogos! Graças meu Deus, que olhares e
protejeis a raya de Azurá! (sus)

Constança Scena X.

Constança e Ismael (a vanguarda é a do sonho, o futuro...)

Constança Desistirei, acabou-se!

Ismael (entrando) Com quem falavas ?

66

Constança Ismael.

Ismael Com quem ?

Constança Contigo.. Sem saber , mas contigo que falava . Esta tarde não pude responder... O inesperado ... sim ... o inesperado... e significava-te... agradecendo-te infinitamente .

Ismael Mas ? que gratidões são essas tão improváveis extemporalidades que não acertas em dizer-lhe ?

Constança Que não posso aceitar.

Ismael Não conseguem ?

Constança Sou eu, eu!

Ismael Tu?.. Eles! Eles! Os que ainda pretendem conservar as castas, porque se davam bem com a diferença. Eles, eles, mas não suspeitam que à força de prescindirem de nós, nos fizeram aprender que os dispensamos. São eles, não é verdade?

Constança Não

Ismael Nem que o jurasses sobre um crucifixo, eu te acreditaria. Para mentir também só necessita experiência e tu não a tens. Afirmas me esquecer os séculos que possa reunir um apelido, pois acostumado a lutar com os homens que se defendem, não ia agora ter medo dos fantasmas ! uma genealogia que, de resto, já podem infelizmente combate, pois que não me podem falar senão do que foram, quando eu lhes falo de que sou. O presente é o que vale, o futuro o que se cotisa e o passado não é mais do que o que se desconhece.

Constança Não em absoluto.

Ismael Em absoluto, minha adorada Constança, De todas as verdades que se nos deparam, a maior verdade é a do momento, a futura... veremos se virá, e apassaria só é certo que já passou.

S. R.
Intendência Geral da Propaganda

CENSURA

Constança - Alguma coisa mais existe ainda.

Ismael - Existe ainda tudo, visto que existimos só e tu. Não me queres Constança? Para isto não basta calares-te e baixar os olhos. I preciso a voz, o gesto e o olhar... tudo! Porque muito embora tu o digas, necessito convencer-me eu. Não me queres Constança?

Constança Não

Ismael Não me queres, Constança?

Constança Não, Ismael.

Ismael Mas porquê? Se me amavas antes?

Constança E agora como antes, mas não chega para enfrentar a luta.

Ismael Mentira!

Constança Não é o bastante para sacrificar o resto...

Ismael Mentira

Constança E prefiro que nos separemos... sem nos termos unido.

Ismael Mentira! Voltaste a deixar-te prender nas malhas daquela chimera, eu porei, falou-me em palavras rompê-las hei. Céia, Constança, e elles secundar-te-ão, mas antes de o fazerem não-de chorar lágrimas de sangue.

Constança Ismael.

Ismael E terão assombros de ruína e visões de pobreza, porque hei-de persegui-los, acorrenjal-los e vencel-los.

Constança Ismael

Ismael Hai-de vencel-los, eu.

Constança (farol) E a mim com elles, porque não os meus e não os abandono.

Ismael Constança!

Constança E a ti, sou eu que te repudio, eu que não aceito, que não

S. O. R.

CENSURA

quero, eu!

Ismael - Constança.

Constança Sou eu. Podes começar a perseguir-nos desde já.

Ismael Não os perseguirei. Contigo e por ti, nata era difícil, contra ti é impossível tudo, porque não há nas forças humanas um modo violento de obrigar a amar... Entrego-me, dou-me por vencido. Não os perseguirei.

Constança Supondo elas a ameaçando tu, não compreendes, Ismael, que te colocas do lado em que é inevitável perder?

Ismael Porque é o teu amor tão covarde?

Constança É covardia querer bem aos meus?

Ismael Comigo, sim, é, Constança.

Constança E porque me pedes tu, amor que nasces, que seja ingrata com o amor que me faz nascer a mim?

Ismael Porque são distintos.

Constança Se é verdade que o amo, não tenhas ciúmes dos outros e relava-me que eu conserve alguma coisa de muito que me deram, sem nada pedir-me em troca.

Ismael Mas então dize-me que me queres, Constança.

Constança Se te amo, Ismael!

Ismael Abandona-os então por mim.

Constança Não!

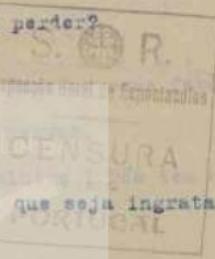
Ismael Lusto!

Constança Não lusto.

Ismael Só forte, não te cobardes.

Constança Se tivesse valer ia abandonar os meus, amanhã terias tu razão para dizer-me que sei abandonar, Não Ismael.

Ismael Vem, Constança!



Constança Não!

Ismael Minha Constança!

Constança Não Ismael, não.

Ismael Confesso-me vencido, queira Deus que não venhas um dia a confessar-te ~~assim~~ arrependida.

Constança Deu o sacerdócio, não tu! Aí de Ismael! (suspira)

Ismael Adeus! (suspira)

Leopoldo Vou para a vila tentar acalmar-me.

Sonha XL

Clara, Leopoldo, Augusto e Diogo

Leopoldo (entra com Clara) Não choreis Clarinha, faz-me esse favor.

Augusto Não estamos agora para atender aos teus nervos.

Augusto (entrando) Na minha opinião é uma canalhice! Não tem outro nome, Uma canalhice.

Clara Um roubo.

Diogo (entra vagaroso e sorridente)

Leopoldo Uma velharia! Morreu... é o que lhe vale. Se estivesse

Vivo...

Diogo Esperava que elle morresse.

Leopoldo Eu? Não me conhecesses.

Diogo Nem tu.

Clara Não merecia nenhuma das atenções que lhe dispensamos.

Diogo Não sejam injustos. O tio Sebastião...

Augusto Não me faleis mais idiota, prohibo-t'ó! Nesta casa não se pronuncia mais o nome d'esse ingrato.

Clara D'esse traidor.

Leopoldo D'esse infame.

Diogo Ingrato, não. Nem mesmo o podem acusar de enquisido. Sem nos levar favores, deixaria cada sobrinho um legado de 10.000 cruzeiros.

R.
Drama Português (1888)

CENSURA

PORTUGAL

Leopoldo - O que é isso, quanto nos levava toda a sua fortuna?
 Diogo - Devia-lhes?

Clara - Sim, deviam-nos deixar...

Diogo - Ani! Pois eu aprecio-o extraordinariamente e a única coisa que sinto, além da sua morte, é não ter pelo menos, uma família de parentes assim, tão generosos.

Clara - Contigo portou-se muito bem, comnomo é que se portou muito mal.

Leopoldo - Porque tu não tinhas nenhum direito à herança, enquanto que nós...

Augusto - Na rigor também vocês não tinham. O espoliado fui eu!

Leônoldo - Tu?

Augusto - Naturalmente. Sou seu sobrinho em 1º grau.

Clara - E as atenções que tivemos com elle? E o tempo que passamos em sua companhia, cuidando dele?

Augusto - O mesmo fiz eu... que até o hospedei em minha casa.

Leopoldo - Com o dinheiro de nós todos, logo, todos nós o hospedámos

Clara - E havemos de tentar uma remuneração contra os herdeiros.

Leopoldo - Com as cartas io tive, em que me chama sobrinho predilecto.

Augusto - Maisi de vulgar, mais de vulgar. Quem vai tentar a remuneração sou eu.

Clara - Também nós.

Leopoldo - Não vamos de ganhar.

Diogo - Quem ganha pela certa são os advogados.

Augusto - O que te digo muito seriamente, Leopoldo, é espero que não tens de repetir, é que não te autorizo a intronizar-te, n'este assunto, porque não tens nenhum direito.

Leopoldo - As cartas é que o fazem fazer.

Clara - E não precisamos da tua autorização para nada.

CENSURA

MORTUGO

R

Augusto - Vocês estão-se tornando muito insolentes e obrigan-me a dizer-lhes o que penso do vosso procedimento.

Leopoldo Disse, lize.

Augusto Pois digo, que isso é querer expoliar-me pela segunda vez.

Leopoldo Pelo que estou vendo tu é que pretendes expoliar-nos.

Diogo Então! Então!

Clara E não podes fazer-nos essa ofensa, tu, que estás administrando, como te apetece, os nossos bens, sem até agarrar-nos a nossa parte?

Augusto Basta, basta! Entregar-lhes-hei imediatamente a vossa legitimidade, só pelo gosto de não vos tornar a ver nenhuma que tenha de pôr as propriedades em minha publica, já que vos portais como rabinantes, como uns bandoleiros.

Leopoldo Não digas isso, Augusto!

Augusto Digo e repito: Bandoleiros, bandoleiros! Peores que os salteadores da estrada.

Clara E tu consentes?

Leopoldo Estás furioso porque te falhou o negócio!

Augusto Tu é que te preparavas.

Leopoldo Não tanto como tu.

Diogo Então! Então!

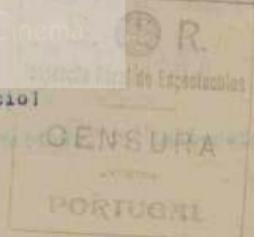
Leopoldo E se te atrevés a dizer mais uma palavra, entreguê-te.

Augusto Tu a mim? Ninguém!

Scene XII

Os mesmos Angéla e D. Inocencio.

Angéla Que é isto? São os meus filhos? Os meus filhos, sentindo cunhas de plebeus e proferindo palavras de rufias? Que é isto? Que rajada de tempestade passou por nosso casal?



Clara - O tio Sebastião morreu...

Dingo - Isso é o menos!... O pior é que a herança passou a outras mãos.

Angela - E por que pouco timeis tantos impropérios? Que necessidade te Augusto nos nós de mais dinheiro?

Augusto Mês tu não sabes?

Dingo - Claro-te, não é agora a ocasião.

Angela - E vejo-os cheios de ira e colera, como inimigos, justamente quando lhes trago uma boa notícia?

Leopoldo Um testamento posterior?

Angela - É mais do que dinheiro, é a vontade de Deus, honrando sempre o patrimônio e a raça de Anarai. A raça que não desaparece porque o céu a ampara e hoje iluminou o coração de Constância.

Augusto Nenhaverá mistura de sangue! Continuará a correr puro e limpo nos nossos braços.

Augusto Mês!

Leopoldo Avô!

Clara e Dingo Que dizes?

Angela - Ainda não compreenderam? Diga-las a verdade, D. Inocencio.

Inocencio É verdade. Do seu baixo escoa luz.

Augusto Mas de que se trata? Conclua!

Angela Fui eu que a convenci. Constância já não casa com Israel de la Peña.

Clara Avô!

Leopoldo Avô!

Augusto Que fizeram? Mês?

Leopoldo Enfionquente, Avô?

Clara Olha que nos perdes.

Augusto - Que nos arruinam.

Leopoldo Que nos arruinam! *... que não é certo que fôrca um sacrificio*

Angela Que os arruinam? Eu?... eu?...

Diogo Que não podem viver sem outra sciva, a sun exgotou-se.

Augusto Queria teimarte na santa credulidade da tua posição e da tua

Angela fortuna, mas já não é possível. Estamos arruinados, minha mãe.

Clara Não sabes?

Leopoldo Pois não sabes?

Augusto A ruina.

Clara A pobreza.

Leopoldo A miséria. A nossa honestidade, avô! E se tu n'causas.

Clara É tu, avô.

Augusto Este quer a sua parte de herança, é natural. Os 30 mil duros

Clara do rendimento que o avô nos deixou, ficam assim reduzidos a 10

Eu tenho de pagar 30 mil duros. Ficam-nos, quando muito 8 mil

Angela, se Constanta não pedir a sua parte. E pondera que é preciso

Augusto virar em condições de ploraveis. Agora tu decidirás.

Angela (espantada, sem poder fallar) Eu?... Eu?... sim, se queres

Augusto Encaminha-a de novo a esse casamento.

Leopoldo Que é a salvação, sem qualquer risco de imprudencia.

Clara A salvação de todos.

Diogo E o amor não se conta?

Augusto Quando afinal não ha motivo grave nem leve para nos opôrmos.

Diogo Escolhe, mãe, escolhe depressa, que o momento é decisivo.

Leopoldo Ver-nos-Mosmos obrigados a venter na terras...

Clara E o palácio...

Augusto A envergonhar-nos, a humilhar-nos.

Leopoldo Não puiss consentir em tal, avô, se é verdade que nos queres

é só teu nome.

Clara Constança causa por amor, mas nenhuma que fosse um sacrifício
levasse importânc...
Augusto Salva-nos, máis

Leopoldo Salva-nos.

Angela Eu...eu...

Augusto E se te opões, será para nós bem doloroso, temos de nos revol-
tar contra a tua vontade.

Diogo (agarra Leopoldo e Augusto) Basta! Têm sido bermuros, não ne-
jam agora cruéis insistindo.

Augusto Reflете, máis.

Leopoldo Reflете, avózinha. As coisas são o que são e é inútil sacrifi-
car-nos por um tolo preconceito.

Clara Perdida, avózinha, se te dissemos qualquer palavra inconveniente
mas era preciso que tu soubesses...

Angela (como que estontendia) Eu... Eu...

Diogo (levando Leopoldo e Augtº) Deixem-na, agora não lhes pode res-
ponder, que até a vós lhe falta e lhe falta o animo, de espanto
de angustia e de assombro. Se quem vibra o golpe soubesse a dor
que causa, vocês mereciam qualquer coisa de tremendo.

Augusto Que mereciamos?

Diogo Qualquer coisa de implacável.

Leopoldo Assaba, o quê?

Diogo Qualquer coisa que fosse uma expiação definitiva.

Clara O inferno?

Diogo Ainda pior do que isso. Mereciam a pobreza.

Leopoldo Tio Diogo!

Diogo Deixem-na, deixem-na agora. (saem os tres com Clara)

Scena XIII

Angela e D. Inocencio e Inocencio em sua resolução, que não quer abreviar.

Inocencio Interpretámos prevavelmente mal a vontade do seu. Os seus des-

sígnios só às vezes incomprendidos pelos miseráveis mortais...

Sra Duquesa! (assustado, vendo-a o olhar espantado) Sra. Du-

quesa... sobre unímo... não desfaleça ante o golpe... Talvez

Deus seja servido de engrandecer a casa de Azaral com este n-

ascimento... No fim de contas esse Sra. Ismael parecia-me... (espan-

tado) Sra. Duquesa... Não, não me parecia... Sra. Duquesa!

Angela Eu... Eu...

Inocencio Porque não chora um pouco... se poise? Fazia-lhe bem, sra.

Sra. Duquesa... Constança... Constança... Olhe que vem ahi D. Con-

stança. (retira-se alguns passos)

Scena XIV

Os personagens da Scena XIII voltam ao palco.

Constança Avô... Que tens avô?

Angela Eu... não tinha razão... eu... não...

Constança Em quê, minha querida avózinha? Em que reconheces haver-te enganado?

Angela Eu... não!

Constança Mas em quê?... em quê?... Em quê? D. Inocencio? Em que se enganou?

Inocencio Na vida - E na menina.

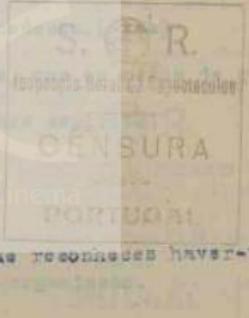
Constança Em mim?

Angela Consinto...

Constança Que lires?

Angela Consinto.

Constança Mas em quê? Em quê? Fala, avô, fala que as tuas palavras não



76

Inocencio - De amanhã que não se faze assim, para sempre! Depois de amanhã, mas o teu gesto é de agonia! Fim!

Inocencio - Que meitou melhor a sua resolução, que não quer violentar os seus afectos.

Constança É isso? É isso? Dizel-o tu, avó!

Angela Consinto... sim.

Constança Obrigada avó, obrigada. Nem tu sabes quanto me sinto feliz agora! Mais uma vez te devo a minha felicidade! Deixa-me dizel-o ao pae? (para o fundo) Meu pae... Meu pae!... (sus)

Angela (encaminha-se para a direita) Senhor... Senhor!... (ameaça caminho tem um movimento de fraqueza)

Inocencio (amparando-a) Animo Sra Duquesa!

Angela Não preciso que ninguém me ampare. E fique bem entendido que casam por minha vontade! Só a ella obedecem. (sus)

Inocencio A tua bondade é inexgotável, infinita, mas os meios te que te vales, senhor, desconsertam o meu pobre espírito! R.

Scena XV

Os mesmos e Diogo

Diogo Cura... O mundo está mal feito, mal organizado.

Inocencio Isso sei eu.

Diogo Isso Digo-te eu.

Inocencio Desculpe que Eu o dei xe. Já ten quem o acompanhe. (sus)

Diogo Não Dizel-o a este ou dizel-o a outro; para mim é o mesmo. A questão é dizel-o.

Scena XVI

Diogo e Ismael (Constança) que ficas à porta?

Ismael As senhoras? Queria despedir-me. Agora já posso fazel-o impenemente.

Diogo Em que consiste a impunidade?

Ismael - Em saber que não as insomnio, pelo contrario! Dissimulando o seu regozijo, vendo assentir-me à elas, humilhado, vencido...

Diogo - Que dizes?

Ismael - Constança não me quer.

Diogo - E obedeceu por bondade. O tio Sebastião deixou por herdeiros a benficiencia e os Hospitais, aos sobrinhos incluindo eu uns simples legados. Se te induspuzeres com eles e como é natural não realizares essas operações : financeiras a ruina da casa Azaral é inevitável. Um dia hópiso Ismael. De manhã poesia, à tarde uma tragi-comédia, à noite uma hepopeia, em que o destino é vencedor e os Fuentioneros se degladiam, se serrubam e se coidam. Ává Ismael, morituri te salutam!

Ismael - Em em todo esse punhalão de verdades ha um erro só: O que a mim se refere. Não me indispori com eles Diogo, não me esquivarei ao meu concurso, cumprirei a minha palavra.

Diogo - E facilitar lhe has ...

Ismael - Quanto disses e como disse e no prazo que lhesisse. O plebeu considerar se não risco se negasse os seus compromissos, porque lhe estroavam os seus amores. Não ! dei lhes a minha palavra. Cumprirei a minha palavra.

Diogo - Ismael ! Merece que te trate por tu.

CENSURA

Ismael - Obrigado.

PORTUGAL

Diogo - Não te ofereço mais nada porque se sifram n'isto o encerramento que estou seguro de surprender. Mas com estes podes contar. Tratar te hei por tu toda a vida.

Ismael - Obrigado (Aparece Constança) que fics á porta)

Sena XVII

Os mesmos e Constança

Diogo - Espera aqui, para te despedires. Eu estou com pressa... Não se

de que mais estou com pressa.

Ismael - Voltarei depois ...

Diogo - Não, homem espera que vem ahi o sol.

Ismael - O sol ?

Diogo - A samaritana...

Ismael - Constança !...

Diogo - Quem sabe de que será mensageira...

Ismael - Falhou a herança do tio Sebastião, mandam-me Constança como engodo da sua sobrada. Não a traz a bonita, trás a ruina e eu sou a filha a explorar, não quero.

Diogo - Nunca te importou o que os outros pensam é Constança que tu amas ? Que te importa agora tudo que não seja ella ? Espera !

Tens medo ? Para isso não valia a pena proclamaras-te forte e lustrador. Espera ! (sus)

Sexta XVIII

Constança e Ismael Escola Superior de Teatro e Cinema

Constança - Ismael ! Já não há obstáculos no nosso caminho. Deixam livre a minha vontade. Queres fazer-me de novo essa pergunta a que antes não te deixavam responder ?

Ismael - Sabes porque consentes ? Pela minha furtuna .

Constança - Sabes porque me dizem *que* que me queres ? Pelos meus braços

Ismael - Mentira !

Constança - Pois mentira também eu digo

Ismael - Queres me ainda Constança ?

Constança - Quero te , Ismael ! E...

Ismael - Cala-te que o resto não tem valor.

Constança - Nós lho faremos... Quero te Ismael !

Ismael - Amo te Constança de Funçãoero. -Sae o Pano

